

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS**

**SIMONE DOS SANTOS NETTO**

**PENSANDO A CRÍTICA POR MEIO DA VISÃO DO ARTISTA  
CONTEMPORÂNEO**

**CRICIÚMA  
2012**

**SIMONE DOS SANTOS NETTO**

**PENSANDO A CRÍTICA POR MEIO DA VISÃO DO ARTISTA  
CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Orientadora: Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato

**CRICIÚMA  
2012**

**SIMONE DOS SANTOS NETTO**

**PENSANDO A CRÍTICA POR MEIO DA VISÃO DO ARTISTA  
CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa de Fundamentos da Arte.

Criciúma, 15 de Junho de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato – (UNESC) – Orientadora

Prof. Ma. Edite Volpato Fernandes – (UNESC)

Prof. Espec. Marcelo Feldhaus – (UNESC)

**Para minha maravilhosa orientadora, Aurélia Regina de Souza Honorato. Por acreditar na minha pesquisa e fazer com que ela acontecesse.**

## **AGRADECIMENTOS**

Eu gostaria de agradecer primeiramente a Deus por permitir que vivenciasse essa experiência na universidade. Depois a toda minha família, por todo apoio e dedicação nestes quatro anos, pela paciência que tiveram com minhas crises de insegurança.

Quero agradecer a orientadora, Prof. Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato, contribuinte direta para elaboração desta pesquisa, por aceitar o convite, dispondo de seu tempo comigo, pela paciência e conselhos.

Um grande obrigado para meu chefe Vicente e colegas de trabalho, que se preocuparam comigo e me apoiaram todo o tempo.

Agradeço a meu namorado pela paciência e ajuda. Por emprestar os seus ouvidos para minhas falas incessantes sobre a pesquisa.

Agradeço a minha amiga irmã, Isabel Cristina Nava, que compartilhou momentos comigo na UNESC, por sua luz e conselhos. Minhas amigas, Cintia Pereira Cunha e Halbertina Roecker Wiggers, que ficaram comigo durante esses quatro anos, enfrentando tantos momentos ótimos como aqueles nem tão ótimos assim.

Agradeço aos seis artistas que dispuseram de seu tempo participando desta pesquisa. Enfim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta, durante os quatro anos de estudos, principalmente nesta última fase, muito obrigada.

“A arte existe porque a vida não basta.”

Ferreira Gullar

## RESUMO

Esta pesquisa busca pensar a crítica de arte por meio da visão do artista contemporâneo. Traz como base o questionamento: qual a voz que a crítica de arte tem entre os artistas contemporâneos? São apresentadas opiniões e pensamentos a respeito da crítica na arte contemporânea, direcionando para a produção em artes visuais. A atuação da crítica no seu surgimento é citada brevemente, a fim de elucidar o início desta pesquisa. É investigado, neste estudo, como o sistema crítica de arte está se comportando nos dias atuais. Está desaparecendo ou não? Como o artista vê a crítica de arte? Qual o seu comportamento perante ela? Foram consultados alguns teóricos renomados no meio artístico, e seus pensamentos sobre arte, arte contemporânea e a crítica de arte. Informações sobre o sistema crítica de arte, como era e o que se pensa nos dias atuais, foram apresentadas a fim de se analisar e refletir sobre sua atuação no meio contemporâneo. Para destaque principal desta pesquisa, seis artistas foram entrevistados: Alan Cichela, Angélica Neumaier, Breno Stern, Helen Rampinelli, Helene Sacco e Odete Calderan. Os mesmos expressam suas opiniões em torno da função da crítica de arte; como se apresenta o crítico hoje; qual a relação entre artista e crítico; suas influências e expectativas a respeito de uma crítica; como é vista a junção de profissionais: críticos, curadores e colecionadores. Com essa pesquisa, pode ser observado que a crítica de arte perdeu boa parte de seu espaço no meio dos artistas contemporâneos, mas ainda assim se faz necessária e, quando acontece uma crítica, nem mesmo o artista, que se diz desacostumado a ser alvo de algum crítico, consegue ignorá-la.

**Palavras chave:** Arte Contemporânea; Artista; Crítica de arte; Crítico.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|           |                                                               |    |
|-----------|---------------------------------------------------------------|----|
| Imagem 1  | Obra em construção: caderno aberto/folhas em branco.....      | 16 |
| Imagem 2  | Obra em construção: caderno fechado/capa preta.....           | 16 |
| Imagem 3  | Obra em construção: caixas e letras .....                     | 17 |
| Imagem 4  | Obra em construção: caderno e caixas .....                    | 18 |
| Imagem 5  | Obra em construção: cadernos e caixa (outro ângulo).....      | 18 |
| Imagem 6  | Obra em construção: caderno e caixa (outro ângulo 2).....     | 19 |
| Imagem 7  | Artista Alan Figueiredo Cichela .....                         | 34 |
| Imagem 8  | "Depois" Obra digital de Alan Cichela .....                   | 35 |
| Imagem 9  | "Quatro mulheres". Obra de Alan Cichela. ....                 | 36 |
| Imagem 10 | Artista Angélica Neumaier .....                               | 36 |
| Imagem 11 | Obra de Angélica Neumaier .....                               | 37 |
| Imagem 12 | Obra de Angélica Neumaier .....                               | 37 |
| Imagem 13 | Artista Breno Stern .....                                     | 38 |
| Imagem 14 | Obras de Breno Stern.....                                     | 38 |
| Imagem 15 | Obras de Breno Stern.....                                     | 39 |
| Imagem 16 | Artista Helen Rampinelli .....                                | 39 |
| Imagem 17 | "Casulos". Obra da artista Helen Rampinelli .....             | 40 |
| Imagem 18 | Obra da Helen Rampinelli .....                                | 40 |
| Imagem 19 | Artista Helene Sacco.....                                     | 41 |
| Imagem 20 | "Casa-Movente". Obra da artista Helene Sacco.....             | 42 |
| Imagem 21 | "Gabinete Poético Urbano". Obra da artista Helene Sacco ..... | 42 |
| Imagem 22 | Artista Odete Calderan .....                                  | 43 |
| Imagem 23 | Obra da Artista Odete Calderan .....                          | 43 |
| Imagem 24 | Obra da Artista Odete Calderan .....                          | 44 |

## SUMÁRIO

|                                                                   |           |
|-------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                                         | <b>10</b> |
| <b>2 METODOLOGIA</b> .....                                        | <b>13</b> |
| 2.1 A OBRA.....                                                   | 14        |
| <b>3 TUDO QUE SE QUER É ARTE</b> .....                            | <b>20</b> |
| 3.1 O ARTISTA .....                                               | 22        |
| 3.2 CONTESTANDO PARADIGMAS: ARTE CONTEMPORÂNEA.....               | 24        |
| <b>4 APONTAMENTOS SOBRE A CRÍTICA DE ARTE</b> .....               | <b>29</b> |
| <b>5 OS ENTREVISTADOS</b> .....                                   | <b>34</b> |
| 5.1 ALAN FIGUEREDO CICHELA .....                                  | 34        |
| 5.2 ANGÉLICA NEUMAIER .....                                       | 36        |
| 5.3 BRENO STERN .....                                             | 37        |
| 5.4 HELEN RAMPINELLI .....                                        | 39        |
| 5.5 HELENE SACCO .....                                            | 41        |
| 5.6 ODETE CALDERAN .....                                          | 43        |
| <b>6 OS DIÁLOGOS</b> .....                                        | <b>45</b> |
| 6.1 – Categoria 1 - A FUNÇÃO DA CRÍTICA.....                      | 45        |
| 6.2 – Categoria 2 - O PROFISSIONAL CRÍTICO DE ARTE .....          | 47        |
| 6.3 – Categoria 3 - RELAÇÕES ENTRE O ARTISTA E O CRÍTICO .....    | 48        |
| 6.4 – Categoria 4 - AS EXPECTATIVAS E INFLUÊNCIAS.....            | 50        |
| 6.5 – Categoria 5 - OS CRÍTICOS, CURADORES E COLECIONADORES ..... | 52        |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                               | <b>54</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                          | <b>54</b> |
| <b>ANEXOS</b> .....                                               | <b>58</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao fazer um panorama da arte destaquei vários assuntos possíveis de serem estudados. São ilimitados os caminhos para elaboração de uma pesquisa. Escolher a crítica de arte, no meio de diversos tópicos não foi fácil. Antes de definir o tema lembrei minha trajetória dentro da Universidade e destaquei assuntos da área da arte que julguei interessantes. Depois de fazer uma breve leitura deles percebi que os mesmos não supriam minhas expectativas. Após debates nas aulas de projeto de pesquisa, levando em consideração minha preferência por um tema teórico, optei pela crítica de arte.

O meu questionamento principal nesta pesquisa é saber *qual a voz que a crítica de arte tem entre os artistas contemporâneos?* Já havia me deparado com esse questionamento logo após a disciplina de Teoria e Crítica de Arte<sup>1</sup> e agora aproveito a oportunidade para levar esta questão mais a fundo e refletir sobre ela.

Antes de seguir adiante, gostaria de ressaltar dois pontos, que acredito serem importantes: primeiramente lembro aos leitores, que devido a minha formação acadêmica, esta pesquisa tem um olhar direcionado para a ação da crítica no meio contemporâneo das artes visuais. A segunda observação diz respeito ao termo voz que cito em minha pergunta central. Ela pode a princípio remeter ao conceito som/fala, como lemos abaixo:

s.f. Som produzido na laringe, especialmente na laringe humana, pelo ar que vem dos pulmões; faculdade de produzir esse som; faculdade de falar: *perder a voz*; som da laringe, subordinado às regras do canto: *voz de barítono*; linguagem; grito; rumor; ruído; queixa; ordem em voz alta; termo; palavra; direito de falar em algum lugar [...]. (Globo, 1996)

Mas seu significado aqui vai além. A voz citada é uma metáfora e deve nos remeter a um conceito amplo. Transcende os limites do som e abrange o território da escrita, do vídeo, dos sinais, entre outras formas de comunicação. Voz aqui tem sentido de alcance, influência decisiva e arbitrária.

Já esclarecidas essas ressalvas, no intuito de elucidar um pouco mais a ideia principal, trago a autora Cristina Costa (1999) que fala sobre o surgimento da Crítica. Segundo ela, a mesma apareceu juntamente com a arte e sempre foi

---

<sup>1</sup> Arte apresenta-se escrita com letra maiúscula, pois remete ao nome de uma disciplina do Curso.

necessária para o meio artístico. Ambas dependiam-se mutuamente para existir. Ela explica que na Grécia, por volta do século III a.C., já eram apresentados textos críticos filosóficos que tinham como objetivo orientar o artista e o espectador. A crítica contava com a ajuda de critérios organizados que possibilitavam escrever, pensar, questionar e refletir arte. O que ela determinava era seguido pelo público e demais profissionais da área artística. É claro que a arte e a sociedade estando em constantes mudanças ocasionavam transformações na crítica que por sua vez alteravam os critérios de avaliação.

Vale lembrar que no início a nomenclatura *texto crítico* não existia, só foi assim determinado mais tarde por historiadores, mas assim mesmo havia imponência da crítica no meio artístico. Isso ocorreu aproximadamente até o início do período vanguardista<sup>2</sup>.

Costa (1999) diz que a principal mudança acontece nos anos 60 e 70. Na vanguarda, como será detalhada nos capítulos adiante, a história da arte sofreu grandes rupturas e essas por sua vez também afetaram a crítica. O crítico, que até aquele momento tinha autoridade sobre o artista, teve que mudar sua forma de olhar para a obra a fim de se manter ativo.

A partir daí, conforme Salles (2008) entra em cena a crítica genética, aquela que analisa o processo criativo do artista e faz as suas críticas em conjunto, até mesmo em parceria com o próprio artista. Isso se apresenta bem diferente da época anterior, onde caminhava sozinha, preocupando-se apenas em avaliar e julgar a obra final, o resultado apresentado ao público.

Com base no meu conhecimento entendo que até a presente data a arte e a crítica nunca pararam no tempo. A partir disso posso afirmar que a crítica também foi influenciada pela crise instalada no século XIX, com destaque para o Dadaísmo<sup>3</sup> e sua antiarte.

E na arte contemporânea? Como o sistema crítica de arte está se comportando? Por isso meu interesse em analisar e refletir sobre o estado da crítica de arte, por meio da visão do próprio artista. Ela está desaparecendo? Ou está sendo apresentada de formas diferentes na arte contemporânea? O artista se

---

<sup>2</sup> No período Vanguardista ocorreram movimentos artísticos conhecidos como os “ismos”: impressionismo, expressionismo, dadaísmo, futurismo, cubismo, entre outros. Esses movimentos vinham carregados de reformas sociais (BATTISTONI FILHO, 1989).

<sup>3</sup> Movimento que iniciou em 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, causou impacto na sociedade, quebrando regras da arte, pregando a liberdade, utilizando objetos do dia-a-dia em suas obras, negando valores estéticos e artísticos corrente (BATTISTONI FILHO, 1989).

incomoda com a crítica? Cria expectativas em relação à elaboração de alguma crítica, após a apresentação de suas obras? Sua produção é influenciada pela crítica?

Com essas questões vou procurar respostas junto a teóricos, críticos e artistas contemporâneos, buscando perceber pontos relevantes da crítica de arte no sentido de investigar a sua posição perante as produções artísticas contemporâneas.

Para fins de organização, trago esta pesquisa estruturada em seis capítulos.

O primeiro capítulo, já apresentado, tratou da introdução da pesquisa, apontando qual o questionamento principal; informações sobre o início da crítica os objetivos e questões norteadoras deste estudo.

No capítulo dois trago a metodologia. Quais são as especificações em que a pesquisa se encontra. É elucidado como foi desenvolvida cada etapa desta produção bibliográfica e artística, além do texto sobre o processo criativo da obra.

No capítulo três aparecem os conceitos sobre arte, artista, arte contemporânea. Para dialogar sobre esses assuntos trago teóricos como: Gullar; Battistoni Filho, Venturi, Cauquelin, Canton e outros nomes.

No capítulo quatro exibio o tema desta pesquisa, a ação da crítica de arte e o crítico. Ideias sobre o que foi a crítica, quais as transformações que ocorreram, e como está sendo vista nos dias atuais estão marcadas neste capítulo.

Já no capítulo cinco, os seis artistas contemporâneos são apresentados de forma sucinta. Onde residem e quais as suas principais técnicas utilizadas, além de trazer imagem dos mesmos e de suas obras.

O capítulo seis traz as falas dos artistas contemporâneos, suas opiniões sobre a crítica de arte. Está dividido em categorias para melhor organização. Juntamente com a fala dos artistas, são comparados os pensamentos dos teóricos citados nos textos anteriores, fazendo assim simultaneamente a análise de dados.

Para fechar a pesquisa, o capítulo sete, traz as minhas considerações finais. O que *concluí*. A resposta da pergunta principal.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa encontra-se na linha de pesquisa de fundamentos da arte, do Curso de Artes Visuais – Bacharelado - da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, e está dividida em três etapas: o levantamento bibliográfico, a pesquisa de campo e a produção de uma obra. Ressalto que esta descrição é apenas uma forma de apresentação para a melhor compreensão do leitor, pois a pesquisa teórica e a obra não podem ser analisadas separadamente, afinal são partes integrantes de uma só pesquisa.

Uma pesquisa, que segundo Santaella (2001), deve ser sucessora de um projeto bem estruturado para que o pesquisador consiga executar todos os passos sem surpresas desagradáveis e obter êxito ao final. E para Lakatos (1985) uma pesquisa utiliza métodos científicos a fim de encontrar respostas para as questões que foram levantadas no projeto.

Além de cumprir a função social de fazer avançar o conhecimento, tarefa precípua de toda pesquisa, pesquisas também decifram para cada um de nós o mistério dos prazeres muito próprios e decididamente intransferíveis que a vida intelectual traz consigo. (SANTAELLA, 2001, p. 189).

Partindo do projeto que foi elaborado no segundo semestre de 2011, sua natureza é básica. O levantamento bibliográfico feito para este estudo investigou visões sobre a arte e a crítica, apontando ideias e momentos de mudança que marcaram a história de ambas. Autores como Ferreira Gullar, Katia Canton, Anne Cauquelin, Cecília Almeida Salles, foram citados durante toda a pesquisa.

A forma de abordagem desta pesquisa é qualitativa, apresentando os resultados de forma subjetiva, que segundo Minayo:

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (1993, p.21).

A pesquisa de campo exploratória, item essencial, foi realizada, com seis artistas contemporâneos, que apontaram suas opiniões sobre o sistema crítica de arte.

Os artistas, que escolhi para participarem desta pesquisa, estão ligados à

cidade de Criciúma de alguma maneira, seja pela moradia, trabalho ou a Universidade. Seria interessante, e eu particularmente gostaria de entrevistar um grupo maior de artistas, mas devido ao prazo que tenho para realizar este estudo, foram selecionados seis artistas contemporâneos, os quais contribuíram de forma significativa.

Primeiramente enviei um convite por e-mail para cada artista escolhido, explanando de forma sucinta qual o principal problema levantado no projeto. Depois que todos me responderam aceitando participar lhes enviei uma explicação mais detalhada, com as minhas questões norteadoras e o objetivo principal.

No prazo máximo de um mês, os artistas retornaram com as respostas, as quais estão descritas e reflexionadas no capítulo quatro. Fico feliz em poder dizer que o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo me permitiram investigar e refletir sobre o lugar da crítica na arte contemporânea, que será apontada no último capítulo intitulado como considerações finais.

## 2.1 A OBRA

Primeiramente gostaria de citar um pensamento de Ursula Rosa da Silva:

O grande salto da arte contemporânea foi o de ampliar infinitamente a relação do espectador com a obra. Aquele que percebe, vivencia uma obra, pode atribuir-lhe diversos significados, pois essa não se encontra acabada – porque é fenômeno em manifestação constante. O artista, por sua vez, dá ao mundo sua visão, seu expressar, que não termina em uma obra [...] A obra de arte tornou-se um lugar de estranhamentos e memórias, processos que fazem parte da construção da identidade humana e de seus territórios. (2008, p.113).

Deparei-me com este texto algum tempo depois de ter finalizado a minha obra, mas não pude deixar de citá-lo no início desta escrita. Assim como está colocado na citação acima, a minha obra não é algo acabado, feito apenas para apreciação, ela não terminou em mim. Vejo no meu trabalho um lugar de memória, de informações e cabe a cada um finalizá-la à sua maneira.

Esta obra tem uma particularidade bem interessante a meu ver: um acontecimento externo a esta pesquisa foi o pontapé inicial da criação. Quando

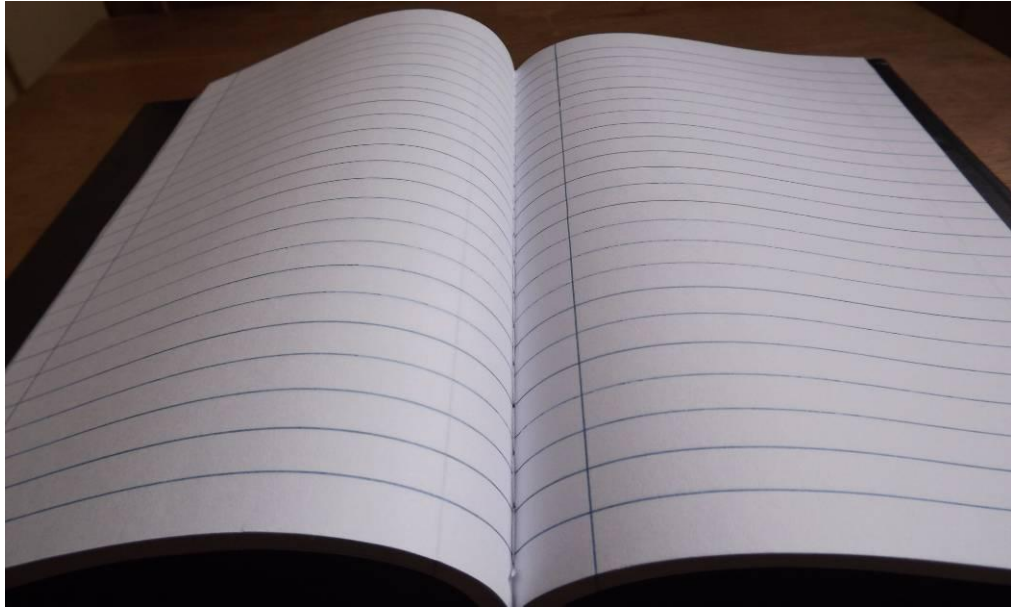
comecei a pesquisa logo me deparei com um problema: como trazer a minha teoria para o campo da arte visual? Que linguagem e material utilizar?

Inicialmente pesquisei três linguagens artísticas que julguei interessantes trabalhar: a pintura digital; a fotografia e a gravura, mas em cada uma delas encontrei algo que não me permitia seguir em frente. Talvez porque me interessava que o espectador tocasse/intervisse na obra, e as opções acima citadas tinham poucas possibilidades.

É aqui que entra o evento externo: numa determinada aula de escultura e pesquisa, a professora solicitou uma escultura de argila onde deveria conter um livro. Surgiu a primeira ideia. Partindo desta escultura, defini que a minha produção artística seria a materialização desta pesquisa teórica. Com ela, não tenho a intenção de direcionar uma visão sobre a crítica de arte, tampouco responder a perguntas sobre a mesma. Quero que olhem para ela, façam questionamentos sobre a crítica de arte, e possam iniciar assim suas próprias pesquisas.

A minha criação, que foi executada em paralelo à pesquisa bibliográfica e de campo, refletindo três etapas que julguei como principais nesta pesquisa, deixando que o espectador analise e responda as suas próprias perguntas. Decidi chamá-la de *Fontes*.

O leitor viu na introdução desta pesquisa, que a mesma busca saber como o artista contemporâneo vê a crítica de arte. Sempre que falo em crítica de arte remeto a escrita/palavra, portanto, a primeira etapa não poderia ser diferente: questionar a ausência da palavra: onde está a crítica de arte? Neste primeiro momento o leitor depara-se com um caderno de capa preta, a fim de remeter a ausência de luz, ausência essa que me impede de ver as respostas mais à frente. Deixo para o público este caderno com as folhas em branco, novamente para ressaltar que ainda não tenho as respostas, mas juntamente com este caderno estará disponível uma caneta. Quem tiver interesse poderá ali colocar comentários e /ou perguntas que possam contribuir de alguma forma para a obra. Assim sendo, depois da abertura da exposição, se essas páginas continuarão em branco ou não, dependerá somente dos espectadores.



**Imagem 1** Obra em construção: caderno aberto/folhas em branco (Fonte: Acervo da pesquisadora)



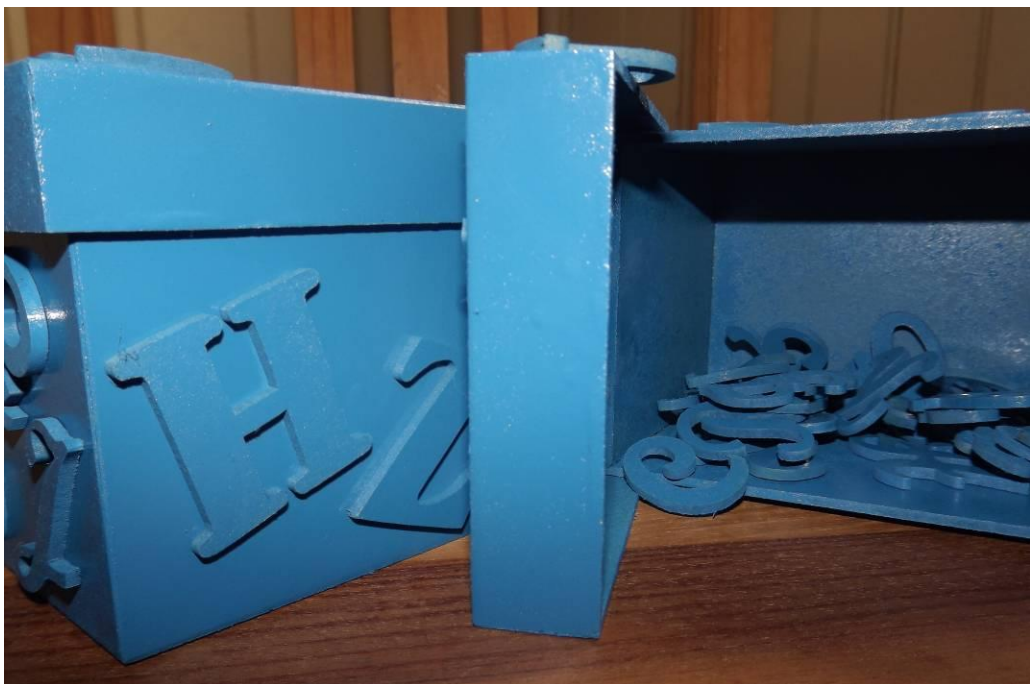
**Imagem 2** Obra em construção: caderno fechado/capa preta (Fonte: Acervo da pesquisadora)

O segundo momento desta pesquisa que destaco, para adaptar na obra, deixa de ser um questionamento e passa a ser uma afirmação. Utilizando duas caixas de madeira busco representar o âmbito onde tudo acontece: a crítica, a pesquisa, o surgimento da arte e do artista. Dentro das caixas estão silhuetas de cabeças feitas de papel e seis cabeças de gesso. Em volta destas mesmas caixas estão coladas letras do alfabeto. Esta etapa busca representar que a pesquisa está

em andamento e as palavras começam a aparecer. Gosto muito da cor azul, e dentre as possibilidades que eu tinha, essa foi a que melhor se enquadrou no meu trabalho, por isso a escolha desta cor tanto para as caixas, como para a bandeja que será apresentada na última etapa.

Todas as pessoas envolvidas com a arte e que foram citadas durante este trabalho: espectadores, críticos, artistas, marchands, galeristas, colecionadores, historiadores, teóricos, entre outros, estão representados dentro da caixa. As seis cabeças de gesso representam os seis artistas entrevistados. Eles possuem um papel de destaque nesta pesquisa e não seria diferente na obra.

A minha ideia inicial era que a obra na sua totalidade não induzisse o público a alguma ideia fixa, e assim mantenho-me até o final. Nesta terceira etapa, em uma bandeja, entrego palavras que se destacaram ao longo de toda a pesquisa e que podem contribuir para análise e formação de opinião de cada um. Seguindo a linha da caixa, a bandeja é de madeira e foi pintada com a cor azul. As palavras que estão dispostas pela parede devem chamar a atenção para o fato de que elas não estão presas em um determinado lugar, elas viajam o mundo, percorrem mentes e falas o tempo todo, mudam a cada instante e é o elemento principal para fazer uma crítica de arte.



**Imagem 3** Obra em construção: caixas e letras (Fonte: Acervo da pesquisadora)



**Imagem 4** Obra em construção: caderno e caixas (Fonte: Acervo da pesquisadora)



**Imagem 5** Obra em construção: cadernos e caixa (outro ângulo) (Fonte: Acervo da pesquisadora)



**Imagem 6** Obra em construção: caderno e caixa (outro ângulo 2) (Fonte: Acervo da pesquisadora)

Tenho boas expectativas para este trabalho, espero que o público escreva no caderno, mexa nas palavras da bandeja, abra a caixa, faça os seus próprios questionamentos e descubra as suas respostas.

### 3 TUDO QUE SE QUER É ARTE

Para iniciar este capítulo cito a frase de Rui Barbosa (1942, p. 246) que diz “Não é possível estar dentro da civilização e fora da arte”. Apesar de achar um comentário convidativo para um bom debate, trago-o de forma simples, como um breve comentário para iniciar este texto.

Em concordância com a frase acima, exponho que depois de conhecer a arte, através da universidade, mudei minhas opiniões e conceitos sobre a sociedade. Vejo a arte em toda parte.

O que vale lembrar é que o sujeito pode estar dentro da arte e não a reconhecer, já que há uma grande diferença em ver e conhecer/compreender. É notório que para algumas pessoas ela ainda passa despercebida. Será culpa do sistema, que não ajuda o suficiente na divulgação da arte e da cultura? O que o artista ou outros profissionais da área devem fazer para mudar isso? Como afetar toda a sociedade pela arte? Esses questionamentos possivelmente nos dariam outra pesquisa.

A arte possibilita que as pessoas olhem para o mundo por outro ângulo, isso eu afirmo por experiência própria. Ela consegue retomar fatos, provocar o que já caiu no conformismo, retirando o espectador de uma zona de conforto e fazendo-o confrontar sentimentos.

O escritor Ferreira Gullar (2003) cita a arte como uma linguagem do mundo, a qual não tem intenção de explicar a existência do mesmo, mas sim fazer com que o ser humano se relacione com o desconhecido sem medo e torne a sua existência mais amena. Ele diz: “Não obstante, a arte não nasceu pronta, não foi um presente dos deuses aos homens. Ela é produto do trabalho humano, da imaginação e do fazer, da mente e da mão” (p.36). Assim a arte é apresentada como uma das formas de comunicação, necessidade básica do ser humano, para o convívio com o próximo. A arte é sensível, deve ser contemplada, refletida, estudada em seu âmbito e sentida em sua plenitude.

Deve-se entender que, na sociedade da mercadoria, a arte também se transforma em mercadoria. Mas essa não é sua essência. Não se pode levar a tese da arte como produção a ponto de perder-se de vista que ela é, antes de qualquer coisa, uma necessidade humana fundamental. (GULLAR, 2003, p. 113).

Ele ainda traz outro conceito sobre a arte: ela não evolui, apenas muda. A arte não evolui com o tempo, ela se transforma, e no intuito de afirmar isso, o autor explica que se a arte estivesse em evolução, estaria em busca de uma arte verdadeira e aquela que estamos vivenciando hoje estaria errada.

Para este capítulo também trago a autora Cristina Costa (1999) que fala sobre a amplitude da arte. Diz que o sujeito está sempre em busca de uma identidade própria, criando relações com o próximo, e a arte é um canal para expressar os sentimentos, compartilhar vivências e fortalecer cada vez mais o laço de ligação entre os sujeitos e a sociedade. Para a autora a arte é ativa e coletiva. As transformações na arte somente são possíveis devido à troca de experiências entre as pessoas e à medida que elas, as pessoas, vão amadurecendo a arte ganha novas ideias.

Ela registra tudo o que os artistas de todos os tempos quiseram comunicar e deixar inscrito em papel, pedra, pele de animais, argila, vinil ou celulose, aos seus contemporâneos e à posteridade – milhares de mensagens que constituem uma memória. E, dado o caráter universal desse fazer, esses registros são o substrato da história da humanidade. (COSTA, 1999, p.109).

Os dois autores citados acima veem a arte como um modo de criar um mundo, onde aparece a realidade acrescida da visão particular do artista.

Há ainda Battistoni Filho (1989) que fala da falta de conceito único que resuma a arte, e cita a relação da arte com o sentimento, como podemos observar no trecho abaixo:

A arte é a expressão do sentimento humano, deste sentimento tantas vezes bloqueado por slogans e rótulos, mas que desperta, quando se desenvolve, a capacidade de inventar, de renovar, de sentir os problemas internos da existência e não apenas seus aspectos exteriores. O verdadeiro humanismo brota das mãos dos artistas e da alma dos cineastas, dos poetas, dos escritores, dos músicos, que proclamam espontaneamente a compreensão entre os povos. O humanismo autêntico tem suas raízes no sentimento e não na razão, que pode ser útil para outras finalidades. A arte é a expressão mais direta do homem que não se fecha em si mesmo, mas irradia e participa da realidade do mundo. Esse sentimento só pode se manifestar quando não existe imposição externa, quando o passado estético é esquecido em benefício da vivência do presente. (1989, p. 150).

Após as leituras dos teóricos acima observei que a arte em todos os momentos foi apresentada com diferentes funções. Vejo que falar de arte é

interminável. Há diversos olhares sobre ela, diversas teorias que se completam e até se confrontam. Como a arte está atrelada àquele que a cria, o artista, no texto que segue apresento sobre o mesmo.

### 3.1 O ARTISTA

Este é um profissional da área artística, que nem sempre foi reconhecido como tal. Battistoni Filho (1989), afirma que ao olharmos para o início da história, veremos outras denominações que foram atribuídas para aqueles que trabalhavam com a arte, como a nomenclatura artesão.

Costa (1999) concorda, e ressalta que os mesmos foram reconhecidos tempos depois, já no período renascentista:

Mesmo na Grécia, onde, como dissemos, foi criada a estética e a consciência do belo, o artista – profissional que a ela se dedicava – não gozava de grande consideração [...]. Durante a Idade Média, na Europa, a produção artística se desenvolveu nas oficinas de fundição, marcenaria e tecelagem, obedecendo à mesma estrutura de quaisquer outras responsáveis pela produção artesanal [...]. Foi no Renascimento, com o desenvolvimento do comércio e a formação dos Estados nacionais, que os artistas começaram a adquirir independência [...]. (COSTA, 1999, p. 35).

Para a autora, o artista deve ter mais que vocação para despontar no meio artístico, é necessário viver no meio de outros profissionais da área como donos de galerias, curadores ou críticos, trocando experiências com eles e até mesmo com outros artistas, para que assim possa munir-se de ideias e aprimorar o seu talento, além de manter a arte na coletividade.

Sandra Cinto (2008, apud CANTON, 2009) diz em uma entrevista que o artista contemporâneo tem o grande desafio de captar a atenção do espectador, já que se vivencia uma era da corrida contra o tempo. O sujeito não pára e observa a criação do artista. Tudo é feito com muita rapidez. O que vimos nas exposições são pessoas, correndo de um lado para o outro a fim de dar conta de ver todas as obras.

Podemos ver que o artista está conectado com a criação. Quando surge um artista, nasce com ele uma produção artística. Para Salles (2009) o artista é um pesquisador. Antes de dar início a uma obra, se faz necessário um estudo do que já

existe em relação a determinado tema: que material é possível utilizar? Em que espaço se pretende expor? Quais referências se pode resgatar que contenham ligações com o atual trabalho?

O artista encontra os mais diversos meios de *armazenar* informações, que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra, e que nutrem o artista e a obra em criação. Quero enfatizar que o ato de armazenar é geral, está sempre presente nos documentos de processo. No entanto, aquilo que é guardado e como é registrado varia de um processo para outro, até de um mesmo artista. (SALLES, 2009, p. 22).

Cinto (2008, apud CANTON, 2009) traz a memória como algo bem importante para a criação artística. As vivências passadas são ponto de referência para início de uma obra, inclusive é possível trazer o passado para o presente, reabrindo novas possibilidades. É preciso refletir o passado para seguir com o futuro.

Diferente de falácias, a profissão artista requer empenho e dedicação. Fazer arte é remexer com os sentimentos. É a partir das informações pessoais que as criações nascem. E é bom lembrar que após a produção da obra, o artista ainda é responsável por ela. A criação pode ser vista como uma extensão do artista.

Vivenciamos um momento onde artistas surgem constantemente, buscando espaço no topo da lista dos mais apreciados. Meyric-Hughes (2008) cita as inúmeras feiras e bienais como um meio de apresentar um artista para a sociedade, fazendo com que a cada nova exposição, artistas sejam lançados no mercado da arte.

Peça imprescindível no sistema da arte, o artista é participante ativo na sociedade, e como nos diz Meyric-Hughes (2008) após Duchamp e Beuys vimos que o mesmo é um cidadão com imperfeições, que diariamente tem que lidar com as mais variadas funções que possui social, seja política, étnica ou religiosa.

O artista movimenta o meio de campo da arte, está presente e suporta todas as mudanças, seja positivamente ou não, enfrenta questionamentos, vive em momentos instáveis e ainda assim segue fiel à arte.

Trigo (2009) pode até criticar o artista contemporâneo, dizendo que o mesmo se vendeu para o sistema comercial da arte, aquele a quem sempre criticou, mas não pode negar que para ser artista, até mesmo um artista comercial, é preciso ter produção plausível de apreciação pela sociedade, caso contrário corre o risco de

sair de circulação e ter as suas obras indo parar no esquecimento. É necessária muita criatividade para manter-se firme nesta profissão.

Veremos a seguir, na arte contemporânea os acontecimentos que levaram o movimento modernista ao declínio, e assim perceberemos porque o artista precisou aderir às novas regras do comércio da arte. E assim como em qualquer outra profissão, é preciso muito trabalho para tornar-se um artista e conseguir manter-se um.

### 3.2 CONTESTANDO PARADIGMAS: ARTE CONTEMPORÂNEA

Este é um assunto bem polêmico em minha opinião. Longe de ser simplificado em uma única teoria, atrai olhares e ocasiona discussões. Como diz Anne Cauquelin (2005) a diversidade é tanta, que chega a deixar o espectador confuso/desnorteado. Esse surgimento diário desenfreado de obras é apresentado como a arte contemporânea, aquela que é revolucionária, diferente e provocadora. Mas realmente é tudo arte?

Certo dia, na disciplina de estética que tivemos no Curso de Artes Visuais ouvi uma frase que me marcou muito: “Fazer arte contemporânea é muito difícil”, e aqueles que continuassem a julgar a arte contemporânea como algo facilíssimo de produzir, deviam ser desafiados a fazer. Lembro que essa frase foi dita pela Professora Helene Sacco<sup>4</sup>, e a partir daquele dia em diante, minha visão e opinião sobre a arte contemporânea mudou. Até então eu apreciava as produções artísticas contemporâneas com um pouco de preconceito. Não devia, eu sei, mas não conseguia me desvencilhar disso. Por mais que tentasse, procurasse refletir sobre, sempre ficava incomodada com algumas produções artísticas, mas depois daquela frase, foi como se uma cortina caísse de meus olhos e eu descobri um mundo novo, eu senti uma transformação e me abri para uma história contemporânea que até então rejeitava.

Acredito não ser a única que sentiu preconceito, e é certo que ele existe em muitos. Mas seria possível um dia acabar com ele?

---

<sup>4</sup> Professora da disciplina de Estética no Curso de Artes Visuais da UNESC de 2007 a 2009.

Antes de falar de arte contemporânea, primeiramente é preciso olhar um pouco para o passado e pincelar aqui algumas informações relativas à transição da arte moderna para a arte contemporânea, a fim de que possamos melhor compreendê-la.

A escritora Katia Canton (2009) nos diz que o desencadeador da arte moderna, foi a revolução industrial no século XIX.

A arte Moderna toma corpo num contexto de grande transformação que ocorre sobretudo a partir do século XIX, com a Revolução Industrial. Nesse momento, as pessoas saem dos campos e passam a ocupar as cidades que crescem cada vez mais no ritmo frenético das linhas de montagem das grandes fábricas. (CANTON, 2009, p.15)

Segundo a autora, na Revolução Industrial surge a classe Burguesa, a partir da qual se constrói um novo conceito sobre arte/cultura.

Essa nova classe social necessitava de uma nova forma de arte para se legitimar culturalmente. A arte acadêmica, as belas-artes com regras impostas pela academia e talhadas aos moldes da antiga aristocracia, passa a dar lugar a propostas construídas por artistas que surgem em movimentos e contextos singulares. Nasce, assim várias correntes organizadas em escolas que os críticos sistematizaram como os “ismos”: impressionismo, pós-impressionismo, expressionismo, fauvismo, cubismo, futurismo, surrealismo... (CANTON, 2009, p.17).

Cauquelin (2005) também partilha da ideia de que a arte moderna é fruto de um período industrial. E é essa arte moderna, que nos impede de compreender a arte de hoje, dita contemporânea, conforme trecho abaixo:

Essa constelação de opiniões feita de elementos heteróclitos, herdada em parte das teorias do século XVIII (Kant, Hegel e o romantismo), em parte do século XX (a crítica social e a arte para todos), está solidamente enraizada e forma uma tela, uma máscara através da qual tentamos apreender em vão a contemporaneidade. Precisamos, portanto, atravessar essa cortina de fumaça e tentar perceber a realidade da arte atual que está encoberta. Não somente montar o panorama de um estado de coisas – qual é a questão da arte no momento atual – mas também explicar o que funciona como obstáculo a seu reconhecimento. Em outras palavras, ver de que forma a arte do passado nos impede de captar a arte de nosso tempo. (CAUQUELIN, 2005, p.18).

Canton (2009) reforça de forma sucinta alguns conceitos e ideias do que foi cada movimento surgido a partir do século XIX<sup>5</sup>, os quais tinham como objetivo a busca pelo novo, e informa que com o passar do tempo essa busca não se auto sustenta e sofre alterações.

Com o passar do tempo, a arte moderna, que buscava sobretudo a experimentação, sofre um desgaste. Ela se torna tão experimental que acaba por afastar-se do público, que passa a achar suas manifestações ora estranhas, ora inquietantes e de difícil compreensão. Diferentemente da tradição do novo, que engendrou experiências que tomaram corpo a partir do século XX com as vanguardas, a arte contemporânea que surge na continuidade da era moderna se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte. (CANTON, 2009, p. 49).

Gullar (2003) faz uma dura crítica ao período da Vanguarda. Mostrando as ideais vanguardistas dos artistas, ele aponta essa busca pelo novo como uma ideia sem fundamento, pois o artista cria a obra a partir dos seus conhecimentos anteriores, sua ligação com o passado é algo que se apaga da memória, mas os artistas que seguiam as regras da vanguarda não tinham essa visão, revolucionar a história da arte e a própria arte era o que eles queriam, mas algo saiu do controle durante esta busca desenfreada pela liberdade e pelo novo, desencadeando uma confusão que respinga até hoje na arte, como é mostrado abaixo:

O surgimento do mercado de arte e a própria dinâmica da sociedade capitalista, onde o consumismo crescente impõe a obsolescência acelerada das mercadorias, tiveram sua parte nessa obsessiva busca do novo que se tornou, nas últimas décadas, o valor fundamental e único das vanguardas artísticas. Esse fato por si só denuncia a confusão em que se tinham mergulhado os vanguardistas e o fim próximo de sua aventura radical, já que, em se tratando de arte, a busca do novo pelo novo é, além de fútil, suicida. (GULLAR, 2003, p. 48 e 49).

A arte moderna é marcada pela Inovação. Duchamp é apontado como um marco nessa história. Ele acaba por ser tornar um ponto de referência para vários autores. Quando Gullar (2003) fala sobre a *antiarte*, ele cita Duchamp em vários trechos, deixando claro porque as atitudes duchampianas ainda são presenças fortes em nossos dias atuais. Até então a pintura predominava no cenário artístico, e o pintor era munido de um quadro e pincel, onde deveria criar a sua arte, mas com a chegada de Duchamp ao mundo artístico, verificou-se que não era mais necessário

---

<sup>5</sup> Esses movimentos são conhecidos como os “ismos”: expressionismo, futurismo, cubismo, impressionismo, realismo, dadaísmo, surrealismo, etc.

esse processo de criação, assim o artista poderia muito bem apropriar-se de materiais já existente, para montar a sua obra de arte. Isso sem dúvida alguma foi um *choque* para a sociedade, que acostumada com as pinturas clássicas viu neste gesto uma afronta, mas isso não impediu os Dadaístas de expressarem sua *antiarte*, pelo contrário, tanto seguiram em frente que esta é uma fase considerada um “divisor de águas” na história da arte.

[...] O ready-made é um passo adiante na direção do abandono do quadro (e da linguagem escultórica também) porque propõe não apenas, como os cubistas, que o quadro se faça como a adoção de elemento já prontos: propõe a substituição do trabalho do artista pela pura e simples apropriação de objetos industriais. Com isso, Duchamp “afirma” que a obra de arte não depende do trabalho do artista, não necessita ser fruto dele, e o artista, por sua vez, já não será um artesão, mas um projetista, um inventor, um puro intelectual. (GULLAR, 2003, p. 30).

Foi uma quebra de paradigma. E esse ato pode ser visto, de forma bem acentuada, na arte contemporânea, onde os artistas, em sua grande maioria, apropriam-se dos materiais já fabricados pela indústria para produzir suas obras. Assim, da mesma forma que a sociedade, naquela época, recebeu as criações de Duchamp e outros artistas que se apropriavam da mesma técnica, como a *antiarte*, acontece hoje, com a Arte Contemporânea.

Esse apego à arte moderna mais a multiplicidade de obras de arte, essa crescente produção artística, acaba por confundir o espectador quanto à arte contemporânea. Ilimitados são os meios que nos permitem expor as obras, até mesmo para vários lugares ao mesmo tempo, isso está deixando o espectador um tanto desconfortável, e vale lembrar ainda que paralelamente à criação artística há o valor econômico agregado a obra. O espectador, agora também cliente, além de contemplar a obra passa a querê-la sob seu domínio, e às vezes não contempla aquilo que lhe agrada, mas sim aquilo que poderá lhe dar um lucro maior. (CAUQUELIN, 2005).

Apreciar a arte contemporânea é um tanto curioso e desafiador. É preciso primeiramente se livrar do preconceito, abrir-se para novos conceitos. É preciso ir mais profundo na criação. É preciso livrar-se desse valor econômico que vem agregado à obra. Como nos diz Cauquelin (2005, p.13) “Uma das características mais aparentes da relação que o público mantém com a arte contemporânea é a questão, sempre levantada, de seu valor econômico, de seu preço”. Isso impede o

público de apreciar a criação artística com clareza, deixando de lado esse sistema de consumo, e contemplar apenas a sua essência.

Trigo (2009) também diz que ao ouvirmos falar de arte contemporânea, sentimos um estranhamento em nós, ela cada vez mais crescente nos dias atuais rompe com todos os paradigmas anteriores, e confunde o público com o que é, e o que não é considerado arte, fazendo com que o assunto produção artística torne-se polêmico e reflexivo. E um dos fatores que contribuiu para isso foi a agregação das obras de arte no comércio.

Submetendo-se à lógica da massificação cultural, a arte vira uma encenação: continuam existindo obras, é claro, mas sua finalidade não é mais artística, e sim mercadológico-midiática; seu motor é a dinâmica consumista do mercado, não apenas as negociações materiais e financeiras, mas também e sobretudo a economia das trocas simbólicas que constituem, para usar uma expressão superada, a superestrutura ideológica na qual a arte hoje opera. É claro que existem coisas interessantes sendo feitas, mas sempre nesse horizonte. (TRIGO, 2009, p.73).

Trigo (2009) questiona como se pode explicar que a arte dos anos 60, a qual era contra o governo, foi se tornar a arte do capitalismo a partir dos anos 80? Apesar de o autor fazer um levantamento polêmico com argumentos até convincentes, apontando contradições, continuo com a ideia que ou a arte entrava neste sistema juntamente com o espectador ou iria aos poucos sair de cena. Como poderia a arte sobreviver estando fora do sistema capitalista, sistema esse que rege nossa sociedade? Da mesma forma que as pessoas apoiadoras do comunismo têm que viver no plano capitalista, com a arte não é diferente. Foi necessário para sua continuidade. Talvez isso não esteja muito claro para o espectador, que ainda tentar ver a arte dos anos 60, aquela que servia mais ao povo do que ao governo. Pode ser aí a fonte de questionamentos em torno da arte contemporânea.

Essas reflexões sobre arte contemporânea podem ser estendidas por muito tempo. Teorias sobre isso não faltam. Talvez se a crítica de arte, assunto de meu próximo capítulo, se fizesse sobressair mais na arte contemporânea, algumas perguntas poderiam estar mais esclarecidas. Mas o porquê desta aparente ausência será discutido nos próximos capítulos.

## 4 APONTAMENTOS SOBRE A CRÍTICA DE ARTE

Como julgar uma arte que, a meu ver, busca mostrar total independência de expressão? Uma das funções da crítica de arte, desde o seu surgimento, foram analisar e refletir a arte, apontando para a sociedade as conclusões tiradas deste estudo e informando, de maneira crítica, aos espectadores as notícias no mundo da arte.

Penso que esse julgamento, na arte contemporânea, está em baixa. Para iniciar esse assunto, trago a autora Cauquelin (2005), a qual diz que da mesma forma que a arte em geral sofre uma grande ruptura no movimento modernista, com a crítica não foi diferente. Antes de acontecer toda a revolução industrial, as academias<sup>6</sup> predominavam absolutas. Determinavam qual o artista que iria expor. Qual a obra de arte que tinha valor e que devia ser apreciada. Podiam exaltar um artista perante a sociedade ou não. Os críticos faziam parte das academias e eram peças importantes nestas escolhas.

Para reforçar este pensamento, segue abaixo um trecho do livro de Wynne (2008), onde relata o caso que o artista holandês Han Van Meegeren teve com a esposa do crítico Karel de Boer, e por conta disso o crítico sentindo-se humilhando, efetuou críticas contra o artista e conseguiu afetar de forma negativa a carreira de Meegeren.

Karel de Boer lamentou profundamente a humilhação pública a que o submetia um artista cuja carreira havia promovido e, com seus colegas, decidiu lembrar-lhe o grau de influência que a voz do crítico podia ter. A segunda individual de Han se intitulava *Bijbelsche Tafereelen* (Quadros Bíblicos) [...] A exposição foi um retumbante fracasso. (WYNNE, 2008, p.80).

Apesar do artista, que posterior ao acontecido, se tornou um falsário, possuir talento<sup>7</sup>, sua carreira é posta abaixo pelo crítico Karel e seus colegas. Isso me leva a pensar quantos artistas foram deixados de lado na história da arte? Saber fazer arte não era o mais importante? Quais as consequências que atitudes como

---

<sup>6</sup> As academias romperam com a visão de arte como artesanato. Pregavam o ensino artístico por meio de regras. Doutrinava e lançava artistas. A primeira academia surgiu em Florença, durante o período maneirista (CAUQUELIN, 2005).

<sup>7</sup> Aptidão humana adquirida no dia a dia com trabalho, dedicação e estudo.

essa deixaram na história da arte e da crítica? Mas, como tudo muda na arte, a relação do crítico com o artista também sofre alterações, e veremos mais a frente que a relação de ambos será mais próxima, de certa forma, até considerada uma parceria.

Cauquelin (2005) fala da queda da academia, e como essa queda afetou de forma direta os críticos de arte. A partir dessa mudança nas regras, os artistas pareciam estar livres, mas ainda precisavam de uma figura que os apresentassem ao público e exaltasse as novidades na arte. O Crítico mais uma vez terá papel de destaque. Para a pessoa do crítico é acrescentada mais responsabilidade, por que esse agora deve mostrar o artista, fazer com que ele cresça perante a sociedade, e paralelamente o seu nome também. É aqui que começa uma relação mais estreita entre artista-crítico-espectador e sendo impossível desassociar a arte moderna de um valor econômico, o crítico entrou no sistema de literalmente vender o artista e sua obra:

Uma vez que o estado não podia mais absorver as encomendas, outro público devia substituí-lo. Mas, para isso, era preciso que ele fosse informado e que um movimento se delineasse na opinião pública em favor dessa margem crescente de pintores “recusados” ou simplesmente deixados de lado pelo sistema acadêmico. Essa tarefa vai ser levada a cabo por um personagem até então “influyente”, mas cujo papel era acompanhar com seus comentários – apresentar, apoiar ou vituperar – determinado artista ou determinada exposição, e que vai agora ser o elo indispensável à circulação das obras: o crítico. (2005, p.37).

A autora ainda cita que a liberdade do artista não existe por completo, ao passo que, saem das regras das academias e em seguida prendem-se aos críticos. No decorrer do tempo o crítico tem que inovar e diante da sociedade vai aparecendo com mais autonomia sobre suas tarefas. Apesar de a época vanguardista ser de busca pelo novo e pela libertação, o crítico ainda permanece com grande importância e contribui de forma direta para a criação do artista vanguardista:

A importância do crítico de vanguarda não para de crescer, mesmo que, na chegada dos anos 1950, as dissensões políticas e tomadas de partido ideológicas se façam sentir com menor intensidade. A vanguarda se define então, progressivamente, como “a ponta do movimento de arte moderna” e reúne artistas bastante afastados uns dos outros, mas representando o que se faz de mais “avançado” na área. Ainda aqui são os críticos que lançam essa vanguarda, nomeando-a e colocando-a em epígrafe. (2005, p.45).

Parece-me que aqui já se podem iniciar os apontamentos quanto à ausência da crítica. Já entrando na arte contemporânea, no propósito de mostrar que eram livres e não precisam seguir regras, os artistas apresentam obras totalmente diferentes das que eram mostradas até então. Isso causa um choque na sociedade.

Para Gullar (2003, p.7) a culpa é da própria crítica que “na sua totalidade aceitava (e aceita) sem questionamentos as manifestações da chamada “Arte Contemporânea””. Essa falta de questionamento não é bem aceita pelo público. A função da crítica deveria ser: falar sobre arte e questioná-la quando necessário, instruindo o público, principalmente os leigos, se impondo como foram em movimentos artísticos anteriores.

[...] A instituição da novidade como valor fundamental da arte tornou-se uma espécie de terrorismo que inibe o juízo crítico e garante a vigência impune de qualquer ideia idiota. Como nas organizações políticas radicais, onde o exercício da sensatez pode ser tomado como indício de covardia ou traição, assim nos campos da “vanguarda” levantar dúvidas sobre qualquer suposta inovação já era naquela época atitude suicida: quem a isso se atrevesse era imediatamente taxado de retrógado, como hoje é taxado de “careta”. Com isso criou-se uma espécie de convivência forçada (ou não) entre artistas e críticos, que terminaram – devido precisamente ao esoterismo de seu universo estético – por constituírem uma espécie de seite. Como esse prestígio da novidade é consubstancial à nossa civilização consumista, ela, mesmo sem entender e também por oportunismo, avaliza as extravagâncias estéticas abrindo-lhe as portas das instituições oficiais e comerciais. (GULLAR, 2003, p.21).

Henry (2008), presidente da AICA<sup>8</sup> nos diz que as bienais desempenharam um papel importante no afastamento da crítica. As bienais, organizadas em sua maioria por curadores, abrem as portas para artistas desconhecidos, servem de alavanca para novos paradigmas, apoiam obras novas, de modo que as colocam em contato direto com o público, assim a validação dos críticos é deixada de lado.

Se olharmos através da perspectiva de Trigo (2009), veremos que a crítica entra em decadência total. Ele é bem fatídico quando diz que houve a falência do crítico. Ele afirma que em determinados períodos o crítico se sobressaía perante a sociedade, mas na arte contemporânea os escritos estão perdendo a força. Para ele, os interessados em vender obras de arte sejam curadores, donos de museus, galerias, artistas e outros contribuíram assiduamente para essa decadência, já que

---

<sup>8</sup> Associação Internacional de Críticos de Arte – AICA.

ao mesmo tempo em que ofereciam a arte, tentavam ofuscar a crítica já delimitando qual a qualidade da produção artística que estavam expondo e vendendo.

Além disso, perdeu-se o entendimento da crítica como um gênero literário. No passado esperava-se que um crítico soubesse escrever bem, que tivesse um estilo próprio e que fosse capaz de persuadir o leitor a acreditar na sua interpretação da obra analisada – e de fazê-lo refletir sobre o que vê. Não é casual que tantos críticos tenham sido também escritores, bastando citar Baudelaire. Hoje o crítico não está preocupado em atingir uma grande audiência, nem escreve para o leitor, mas para seus pares e para os outros agentes do sistema da arte – ou do sistema acadêmico, no caso dos textos universitários, que, no Brasil, nunca se caracterizavam pela clareza. (TRIGO, 2009, p. 187-188).

Apesar de Trigo (2009) assumir essa ideia de “falência da crítica”, acredito que a situação não chega a esse extremo. A crítica de arte ainda existe sim, mas devido a essa relação da própria arte contemporânea com o público, que por diversos momentos se mostra confusa, a crítica inseparável da arte, acaba por sofrer consequências também. A meu ver, o espectador ficou muito confuso com o que se passava no meio artístico, não distinguindo mais o crítico de outros profissionais que escrevem sobre a arte.

A professora e vice-presidente da AICA, Lisbeth Gonçalves (2008), mostra a perspectiva da crítica como exercício nas atuais exposições, realizada por seus organizadores. A crítica, antes destaque na imprensa escrita, tem seu espaço reduzido e passa a atuar em pequenos comentários, que por sua vez também desaparecem da imprensa com a chegada da arte contemporânea. Para Gonçalves (p.47) “Essa situação acontece no momento em que se começa a falar de arte contemporânea como uma ruptura extrema na linguagem da arte [...]” Uma nova forma de crítica surge: a do curador.

Percebe-se que agora a crítica passa a ser feita dentro das exposições, onde a arte já está sendo apresentada para o público. O espectador tem a oportunidade de conhecer a obra e artista, mesmo que o profissional crítico desaprove seu trabalho.

Dada a importância que vêm assumindo os museus na sociedade global, atuando, cada vez mais, numa geografia cultural sem fronteiras, o trabalho do curador de exposições se transforma num espaço privilegiado na comunicação crítica, com repercussões, inclusive, nos espaços da web. Seu discurso crítico é a presença mais forte, talvez, na comunicação cultural a influir na opinião pública. (GONÇALVES, 2008, p. 48).

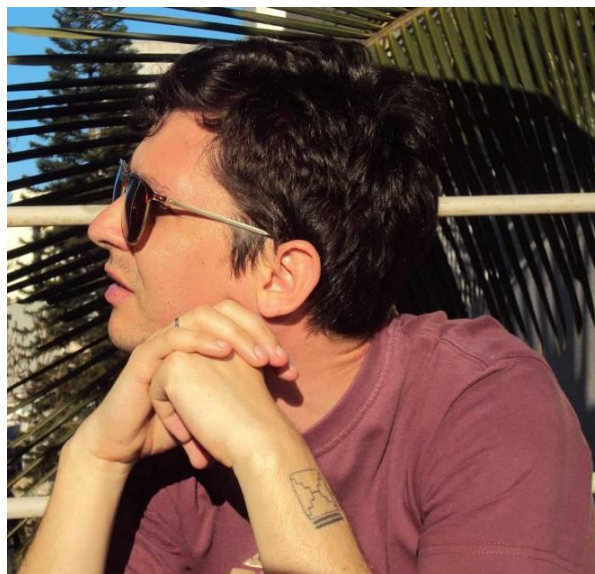
Por meio dessas informações, parece existir mesmo a crise, mas não na crítica de arte, e sim na pessoa do crítico, já que a crítica continua sendo produzida, mas por meio de outros profissionais, conforme foi citado por Gonçalves.

Na sequência me reporto aos artistas contemporâneos, para saber qual a visão deles em relação à crítica de arte. Como eles estão vendo esta questão.

## 5 OS ENTREVISTADOS

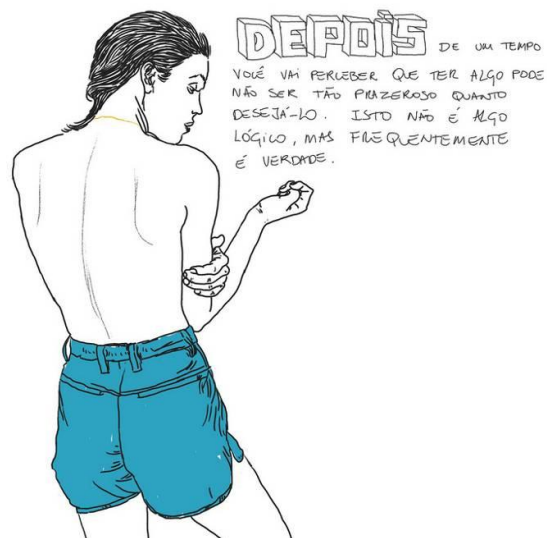
“Na cidade  
Ser Artista  
É posar sorridente  
É ver se de repente  
Sair numa revista  
É esperar que o orelhão  
Complete a ligação  
Confirmando a excursão  
Que te leve ao Japão  
Com o teu pianista  
E antes que  
O sol desponte  
Contemplando  
O horizonte  
Conceder entrevistas” (Chico Buarque)

### 5.1 ALAN FIGUEREDO CICHELA



**Imagem 7** Artista Alan Figueiredo Cichela (Fonte: Coleção Particular)

O artista reside na cidade de Porto Alegre/RS e se apropria de várias técnicas e materiais para execução de seus trabalhos, passando pelo digital e manual. A representação do corpo e o erotismo são presenças constantes em suas criações. Apesar do tema forte, seus detalhes mostram-se suaves e chamam a atenção. Fazer este tipo de trabalho, sem pecar no exagero, acredito não ser uma tarefa fácil, mas Alan apresenta-se como mestre.



**Imagem 8 "Depois"** Obra digital de Alan Cichela (Fonte: Galeria de Alan Cichela, 2012)



**Imagem 9** “Quatro mulheres”. Obra de Alan Cichela. Lápis e nanquim sobre papel. (Fonte: Galeria de Alan Cichela, 2009.)

## 5.2 ANGÉLICA NEUMAIER



**Imagem 10** Artista Angélica Neumaier (Fonte: Galeria UNESC, 2011)

Angélica é uma artista, que reside em Cocal do Sul/SC e atua com várias técnicas. As principais são: gravura, xilogravura, estamperia e serigrafia e o desenho.



**Imagem 11** Obra de Angélica Neumaier (Fonte: Coleção Particular)



**Imagem 12** Obra de Angélica Neumaier (Fonte: Coleção Particular)

### 5.3 BRENO STERN



**Imagem 13** Artista Breno Stern (Fonte: Colombo, 2011)

Breno reside em Criciúma/SC, e com poucos materiais consegue fazer grandes criações. Com uma folha de papel e carvão o artista faz desenhos cheios de detalhes.



**Imagem 14** Obras de Breno Stern (Fonte: Colombo, 2011)



**Imagem 15** Obras de Breno Stern (Fonte: Triches, 2009)

#### 5.4 HELEN RAMPINELLI



**Imagem 16** Artista Helen Rampinelli (Fonte: Coleção Particular)

Helen reside em Criciúma e possui uma galeria de arte. Apropria-se de várias técnicas para fazer suas obras: telas, esculturas, gravuras. A artista preocupa-se com o meio ambiente e destaca-se com suas obras voltadas para o tema sustentabilidade. Em sua galeria, a artista expõe suas obras e abre espaço para outros artistas.



**Imagem 17 “Casulos”.** Obra da artista Helen Rampinelli (Fonte: Coleção Particular)



**Imagem 18** Obra da Helen Rampinelli (Fonte: Coleção Particular)

## 5.5 HELENE SACCO



**Imagem 19** Artista Helene Sacco. (Fonte: Coleção particular)

A artista reside em Pelotas/RS. Utiliza bastante o elemento lugar/espço para compor seus trabalhos. Sua delicadeza é vista nas obras, que carregam sentimentos/memórias. A apropriação de objetos do cotidiano é uma marca registrada em suas criações. Dona de um talento incrível, nos mostra que a arte está presente no dia-a-dia.



**Imagem 20 “Casa-Movente”.** Obra da artista Helene Sacco. (Fonte: Coleção particular)



**Imagem 21 “Gabinete Poético Urbano”.** Obra da artista Helene Sacco. (Fonte: Coleção particular)

## 5.6 ODETE CALDERAN

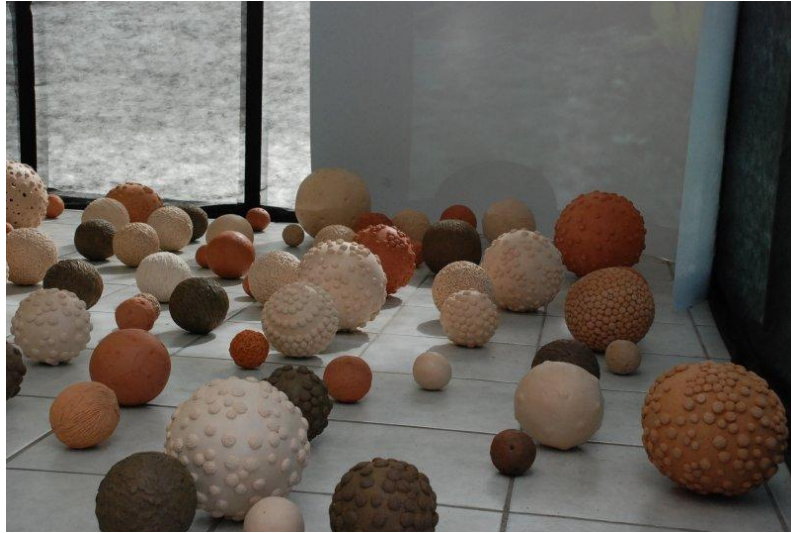


**Imagem 22** Artista Odete Calderan (Fonte: Coleção particular)

A artista reside em Criciúma/SC, e faz da linha um elemento presente nas suas criações. Os seus trabalhos tem forte ligação com esferas. Trabalha com a cerâmica, e apesar de ser uma matéria fria, Odete consegue transferir suavidade em seus trabalhos.



**Imagem 23** Obra da Artista Odete Calderan (Fonte: Site da Prefeitura de Santa Maria)



**Imagem 24** Obra da Artista Odete Calderan (Fonte: Site da Prefeitura de Santa Maria)

## 6 OS DIÁLOGOS

Com os artistas devidamente apresentados, trago neste momento as análises obtidas a partir das ideias dos mesmos, quanto à crítica de arte, em diálogo com os teóricos apontados na fundamentação teórica. Para melhor organizar esta etapa da pesquisa, criei categorias de análise que estão indicadas abaixo. Ressalto que as falas dos artistas estão destacadas em itálico e que cada um deles autorizou-me a publicar tanto suas falas quanto as suas imagens e de suas obras.

### 6.1 – Categoria 1 - A FUNÇÃO DA CRÍTICA

Para o artista Alan Cichela a crítica de arte *tornou-se uma atividade marginalizada, acima de tudo considerada como opção secundária*. Toda aquela função que antes possuía, no intuito de direcionar a arte, já não existe mais. Para ele a crítica está *sendo detonada a cada renovação da arte, chegando ao ponto que poucos são os críticos que podem realmente valorizar ou depreciar um artista por si só*.

Lendo as respostas de Cichela imediatamente lembrei-me de Trigo (2009). Quando Cichela diz que nos dias atuais a crítica está escassa, lembro-me de uma fala de Trigo que diz que os críticos tornaram-se neutros, descritivos, fazendo o tipo “não me comprometam”.

[...] quando não se limitam a repetir as opiniões dos próprios *releases* fornecidos pelos artistas. Nada de reflexão séria, e juízos de valor parecem proibidos. É mais ou menos consensual, mesmo entre os próprios artistas, que a crítica de arte perdeu relevância e poder. (TRIGO, 2009, p. 185).

A artista Angélica Neumaier diz que *a função da crítica sempre foi balizar e julgar a produção artística*, mas hoje o que se destaca é a função do curador *como um agente conciliador de vários caminhos artísticos, ou quando coloca um tema um conceito aglutinador nas grandes bienais*. Helen Rampinelli também traz o curador como mediador entre o artista e o público.

Percebo que as artistas Neumaier e Rampinelli trazem a mesma linha de pensamento de Cauquelin (2005) quando dizem que outro profissional da área de artes está exercendo a função de crítico: o curador. Isso resultado dos deslocamentos ocorridos nos movimentos artísticos e no comércio da arte. Essa é a mesma ideia de Anna Barros (2009, p.65) apresentada em uma entrevista concedida para a FUNARTE, onde a mesma diz que :“a função de crítico de arte desapareceu no Brasil há vários anos, o que se tem visto é alguém que descreve a obra sem fazer um entorno com outras áreas de conhecimento [...]”.

A meu ver, esse “alguém” citado por Barros são os curadores, galeristas, jornalistas e outros que podem até fazer um texto crítico, mas superficial, de modo que apresente as obras e os artistas e não emita nenhum julgamento mais profundo.

Para Breno Stern a crítica ainda é bastante importante no atual mercado diversificado de vertentes e tendências. Para ele *a crítica escolhe o que vai ser o termômetro em artes em uma determinada esfera cultural e existem muitos críticos e curadores capacitados.*

Assim como Stern, a artista Helene Sacco, diz que a função da crítica ainda é muito importante. Ela diz que é *de fundamental importância que tenhamos dentro do sistema alguém que se ocupe de perceber/pensar, diagnosticar/refletir, pesquisar/propor através de um discurso crítico as nuances, as complexidades, inovações e direções que a arte toma.* Para a artista a crítica está se fortalecendo, e para entendermos é preciso separar as funções de historiadores e curadores, pois o curador na atualidade tem bastante poder e destaque.

Pelo que li até o momento, Stern e Sacco são os que mais defendem a importância e a função da crítica, seguindo a mesma linha de pensamento que Cinara Barbosa (2009). Para os três é possível apontar uma função da crítica e mostrá-la separada de outras profissões. Ela cita que: “ao contrário da curadoria, a crítica não está ou não deveria estar comprometida na defesa desse ou doutro artista”. Portanto suas funções são diferentes.

Odete Calderan cita um *enfraquecimento das fronteiras* que separam as atividades de curadores, críticos, galeristas, colecionadores, marchands, etc., mas diz também que, no entanto, *quanto à percepção da função da crítica de arte, seria oportuno entender seu papel como constituinte de um contexto, para que as práticas artísticas sejam entendidas pelo público e debatidas entre os especialistas.* A artista

não acredita que a crítica esteja desaparecendo, ela acredita *em deslocamentos e na possibilidade de aproximação dessa crítica com produção contemporânea*.

Calderan lembrou-me Santaella:

Tanto quanto a do curador, a atividade da crítica deve ser, antes de tudo, bem informada. Vivemos em tempos de perplexidade e incerteza, uma perplexidade que se torna tanto mais intensa quanto mais se tenta emoldurar as práticas artísticas dentro de alguma grande narrativa legitimadora [...] (SANTAELLA, 2009, p. 68).

Chegando ao final desta pergunta, vejo que não é possível encontrar um único conceito sobre a função da crítica. Presenciando uma complexidade de informações, e vivenciando uma era onde se devem ter múltiplas funções, fica difícil distinguir uma coisa de outra.

## 6.2 – Categoria 2 - O PROFISSIONAL CRÍTICO DE ARTE

Cichela traz o crítico como um profissional que *geralmente está ligado a uma instituição ou revista*, e o mesmo diz Stern: *o crítico está a serviço de uma mídia direcionada, para uma sociedade ávida de novidades*.

Esses dois artistas observam que no atual sistema da arte contemporâneo não é possível o crítico sobreviver por si só. É preciso estar a serviço de alguma mídia/veículo de comunicação para ser notado. Aqueles que aparecem sozinhos, e fazem um julgamento diferente que está sendo apresentando, correm o risco de serem ignorados, já que o interesse da grande maioria (curadores, colecionadores, público, artistas, etc.) é puramente financeiro.

Neumaier vê o curador mesclando-se ao crítico de arte. Essa é a mesma linha de pensamento de Calderan quando a mesma diz *na verdade, os dois estão fazendo um trabalho bem próximo – não é exatamente o mesmo, mas muitas vezes, o crítico de arte também faz exposições, o historiador da arte contemporânea escreve, faz curadorias, etc. Creio que, nas últimas décadas houve uma aproximação dos papéis*.

Rampinelli, citando o pensamento de Cauquelin (2005) traz o crítico de arte como *sendo o profissional da mediação entre os colecionadores e admiradores*.

Idem a Rampinelli está Ricardo Ribenboim (2009, p. 70-71): o crítico deve constituir “produção de textos (verbivocovisuais) de forma reflexiva, cujo papel é propor novas leituras [...]”. E ainda Suzete Venturelli:

O crítico tem por obrigação escrever sobre as singularidades do artista e ter domínio do assunto. Assim, cada crítico tem que ter um engajamento pessoal de preservação e valoração da cultura, sem preconceitos (VENTURELLI, 2009, p. 71).

Para Sacco o crítico consegue ver o passado, e através de seu discurso crítico, se direcionar para a atualidade e futuro e muitas vezes *é ele que impulsiona produções, motiva artistas, movimentos, articula novas relações através de texto ou uma curadoria.*

Essa resposta de Sacco me remete ao pensamento de Santaella (2009), que aponta que apesar da falta de regras e padrões que guiavam os críticos, não significa que o mesmo esteja livre para fazer o que deseja. Há uma responsabilidade na profissão do crítico, e o mesmo deve estar munido de conhecimento e lidar com as contínuas mudanças que ocorrem.

Diferente da função do crítico, que parece cada vez mais confusa e entrelaçada em outras funções, o crítico apareceu citado de forma individual e bem clara. Ele existe e deveria estar atuando como anteriormente, mas as mudanças que ocorreram na arte impendem essa atuação, conseqüentemente mudando a relação do crítico com o público. O crítico parece estar escondido.

### 6.3 – Categoria 3 - RELAÇÕES ENTRE O ARTISTA E O CRÍTICO

Cichela traz o crítico como um amigo do artista. A relação de ambos passa a ser uma ajuda mútua, onde o crítico usa o *seu conhecimento para expandir uma linha ou conceito que aprecia*, favorecendo assim o crescimento do artista e de si próprio. Por experiência própria, o artista diz que todas as críticas foram positivas em relação ao seu trabalho, e apesar de existir um pouco de medo, particularmente não se sente incomodado com a crítica.

Stern também vê uma *relação cordial* entre críticos e artistas, *pois uns não sobrevivem sem os outros*, já que o atual mercado de arte *vive dessa relação*. Assim como Cichela, Stern não se incomoda com a crítica. Ele diz há muito tempo trabalha com a arte e sempre se deparou com aqueles que gostam ou não de suas obras e técnicas.

Neumaier diz que a relação do crítico com o artista é mais suave do que em tempos passados, citando a crítica de Monteiro Lobato ao trabalho de Anita Malfati na semana de arte moderna de 1922 como um exemplo do que era anteriormente, mas que certamente ficaria incomodada: *a crítica deveria ter uma função de mostrar outros caminhos, em vez de ter esta conotação da crítica em si*.

Rampinelli vê o crítico de forma muito positiva. É aquele que acrescenta ao trabalho do artista e ajuda na divulgação do mesmo. Ela cita que seus primeiros contatos com críticos foram frustrantes, mas atualmente sua visão mudou.

Sacco diz que a relação do crítico de arte e artista é polêmica: *Reconheço que esse é um meio um tanto insatisfeito e ainda bem que é. Temos críticos ótimos, mas poucos saem do seu lugar seguro vinculado às instituições culturais, para realmente se colocar em pesquisa, descobrir novas produções, conhecer artistas, criar zonas, espaços de diálogo*.

Calderan depara-se com a questão do artista ter *múltiplas funções no fomento de atividades de arte contemporânea, como da criticidade da própria produção artística, membro de júri, curador, além de propositor*, e assim diz que o campo de debate da crítica está voltado para *instituições museológicas, galerias de arte, feiras nacionais/internacionais, ou mesmo para publicações e catálogos de instituições, galerias, feiras e folders de artistas*.

Os quatro artistas acima citados identificam essa relação de forma positiva, e três deles: Cichela, Stern e Rampinelli foram os artistas que citaram brevemente seus contatos com o crítico de arte, diferente das artistas Sacco e Calderan, as quais fizeram um comentário geral sobre a relação do crítico com o artista, e não trazem detalhes de um caso específico.

Neumaier citando um exemplo que aconteceu em 1822 fortalece a ideia da mudança. As ideias de Salles (2008) são ressaltadas nestas falas dos artistas. Como ela diz: a crítica genética é a que rege nos dias atuais.

Cauquelin (2005) é outra autora que pode ser citada nesta categoria. Ela nos detalha a queda da academia influenciou na relação do crítico com o artista.

Suas atividades profissionais andam em paralelo no mundo da arte, até os dias de hoje.

Apesar das respostas que obtive, em alguns momentos me pareceu que os artistas, ainda que não citaram pontos negativos, colocam-se imparciais quanto a essa relação: não é necessária e nem desnecessária. Eu diria que, quando há vontade de ambas as partes, a parceria pode ser bem sucedida.

Observei ainda que respostas de perguntas e artistas diferentes se complementam. Stern em um determinado momento disse que não é comum ver exposições de artistas individuais, a maioria é coletiva, com isso acho que a relação do crítico com o artista fica distante. É difícil um artista fazer uma exposição e chamar a atenção do crítico. A coletividade está em alta, e isso enfraquece o contato individual do crítico com apenas um artista. Calderan fecha muito bem essa ideia quando traz o profissional do crítico voltado de forma geral para galerias, feiras, museus e outros. Segundo eles, é em espaços coletivos para a arte que ambos atuam.

#### 6.4 – Categoria 4 - AS EXPECTATIVAS E INFLUÊNCIAS

Quanto às expectativas Cichela diz ser um artista não muito conhecido e que poucos são os críticos que olham para o seu trabalho, mas ele gostaria que olhassem e comentassem mais suas obras. Já em relação à influência, o artista diz que se sentiu esclarecido: *só tive encontros positivos, claro que todos mostraram coisas que eu devia seguir, que eu devia fazer. Na verdade eles trabalharam como pessoas que me deram uma força tremenda, me mostraram que devia deixar o medo de lado e seguir adiante.*

Neumaier cria expectativas quanto à opinião do curador: *esta figura torna-se o principal elemento quando da elaboração de uma proposta para uma exposição. E diz que já sofreu influência de críticos durante o seu percurso de formação artística: A crítica de arte tem esse respaldo de influenciar o trabalho do artista, mais creio que hoje a figura do curador é que se destaca, pois ele vai ser o responsável por apontar caminhos para a produção artística, e influenciar as opiniões do público principalmente nos grandes eventos artísticos como as bienais.*

Stern diz: *Acredito já ter adquirido bastante clareza sobre a minha produção em arte, não me importando com a crítica institucionalizada ou a serviço da mídia local.* O artista menciona a mudança constante do mercado de arte, que do dia para noite condena o que antes elevava a obra prima e diz que assim como Iberê Camargo, se importava com o que os espectadores dizem durante a mostra, quantos são vendidos ou reservados e quantas encomendas são feitas a partir da exposição. Quanto a influência o artista fala que já recebeu opiniões favoráveis e não se lembra de críticas negativas, que sugeriram mudanças na suas produções, mas também lembra que fazer uma exposição individual é difícil, o que dificulta o olhar do crítico voltado para o seu trabalho.

Rampinelli responde sim para as expectativas e influência: *penso que quando recebemos alguma crítica essa deve ser avaliada.*

Já Sacco responde sim e ao mesmo tempo não para as expectativas: *pois não se tem uma participação da crítica de forma tão ativa e rápida assim. Não conto com a reação da crítica, mas quando ela vem e dependendo de quem vem ela tem um valor muito importante.* A artista conta que já sofreu influências: *já me ajudaram muito a confirmar uma questão que se apontava ou até mesmo a repensar alguma questão ou decisão tomada.*

Calderan não fica incomodada com a crítica, desde que a mesma seja *reflexiva fundamentada*, assim é possível dialogar com o crítico criando uma *cumplicidade e entendimento constitutivo*. Ela também cita que cria certa expectativa, *principalmente quando o resultado da criação partiu de uma longa pesquisa, experimentação, disciplina e sua construção demandaram muito.* A artista não se sente influenciada pela crítica, *quando se parte de um processo poético, fundamentado em questões pessoais, em vivências e nas experiências particulares*, mas ressalta a *importância da prática-reflexiva como exercício desencadeador de ações e atos para [re]significar as práticas artísticas, elegendo também, discussões conceituais para as novas abordagens poéticas ligadas as experiências vivenciadas nesse percurso.*

Apesar de Meyric-Hughes (2008), nos trazer a ideia de que as Bienais aproximaram os artistas do público, e isso faz com que a elaboração de alguma crítica seja posta de lado e Gullar (2003) dizer que a arte contemporânea (lê-se juntamente o artista contemporâneo) chegou com a ideia de que não liga para a crítica. Seu propósito é quebrar paradigmas, contestar, não importar-se com o que

vão pensar ou falar, percebo que os artistas ainda criam expectativas. É claro, que não chega a ser um fato que lhes incomode ou os deixe ansiosos.

O contato que os artistas tiveram com o crítico e as influências que sofreram foram apontados de forma positiva. Os comentários críticos serviram para crescimento pessoal. A meu ver, as expectativas existem, mas não tem um papel de destaque para eles. Se as críticas não acontecem, não é algo que parece importante. Mas se acontecerem eles receberão, analisando o que foi apontado e o que pode ou não ser modificado.

## 6.5 – Categoria 5 - OS CRÍTICOS, CURADORES E COLECIONADORES

Cichela traz como uma grande mudança à mescla desses três profissionais, onde uma pessoa só pode exercer essas profissões.

Para Neumaier essa junção de funções acontece quando os unindo, o *trabalho artístico pode receber uma visualidade maior, um valor maior de mercado.*

Calderan vê os benefícios dessa aproximação de funções: *concluo que, uma mudança de atitude por parte dos agentes artísticos (crítico, curador, colecionador, etc.) através de um debate crítico, significaria dar lugar a uma pluralidade de pontos de vista, capazes de gerar mudanças de atitude e trocas de experiências em benefício da arte contemporânea aproximando-a do grande público.*

Para Rampinelli hoje são três nomenclaturas diferentes para a mesma figura.

Essas falas lembram Alberto Saraiva (2009):

A situação é positiva, porque hoje, podemos falar não apenas em curador e crítico, mas em curador, artista-curador, crítico, artista-crítico, historiador, artista-historiador, e ainda, surge uma boa safra de jovens curadores interessados nas atividades artísticas mais recentes [...] Essa participação efetiva dos artistas no contexto, produzindo literatura e exposições, altera todo o circuito e o comportamento dos artistas em relação à crítica e à curadoria especializada. Tudo isso é muito saudável (SARAIVA, 2009, p. 85).

Stern diz que cada um tem sua função, o seu papel: *o crítico está a serviço de uma mídia direcionada; o curador é mais cauteloso, muito bem formado*

*sobre o assunto, mostra mais a cara, é mais integrado com os artistas e o mercado de arte; já o colecionador, garimpa o que tem qualidade em termos de mercado e de retorno comercial garantido.*

E para Sacco há uma mistura: *a questão de ser colecionador independe de ser crítico ou não, ela é uma atitude cada vez mais presente hoje em dia devido a uma compreensão bem mais alargada do que é arte contemporânea e também pelo reaquecimento do mercado da arte.*

Cabe aqui citar Trigo (2009), pois ele traz essa figura do profissional com múltiplas funções de forma bem fatiga em seu livro. Essa junção deu-se devido as circunstâncias do mercado da arte atual, que cada vez mais expandido precisa de agilidade para expor e vender as obras.

Posso citar também Gonçalves (2008), a própria vice-presidente da AICA, diz que no momento a crítica ganha um novo condutor: o curador.

Com exceção de Stern que denomina cada função de forma individual, os demais artistas veem que uma pessoa pode sim exercer essas três funções, o que em minha opinião não deveria ser assim, pois a meu ver só contribui para o desaparecimento do profissional crítico de arte.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei esta pesquisa havia a pergunta principal: qual a voz que a crítica de arte tem entre os artistas contemporâneos? Quando formulei este questionamento, automaticamente fiz uma afirmação: a crítica de arte existe e eu gostaria de saber como ela está sendo percebida na arte contemporânea.

Ao longo do caminho outros questionamentos foram surgindo, e até mesmo a falência da crítica foi mencionado, o que me deixou ansiosa. Será que minha afirmação havia sido precipitada? A crítica realmente se perdeu em algum momento do passado? Deixou de existir?

Tão logo segui com os estudos, tive a certeza que o meu questionamento era pertinente. Os prós e contras de um assunto sempre existirão, mas é necessário estudá-los bem, a fim de se obter melhor entendimento do assunto, e assim poder formar uma opinião bem fundamentada.

Posso afirmar com base no que foi lido e nas entrevistas realizadas, que uma coisa é certa: a crítica de arte ainda existe. É importante para a arte que a crítica exerça o seu papel, aponte fatos, pois mesmo tendo o seu poder de julgamento reduzido a textos comunicativos pode provocar mudanças, fazer pensar, refletir e questionar a arte.

Dizem que a moda do momento é ter múltiplas funções, mas olhando para a história do crítico-curador-colecionador e até mesmo o historiador entendo que desenvolver essas funções simultaneamente provoca o desaparecimento do crítico. Apesar de minha opinião, dois seis artistas entrevistados, apenas um descreve cada profissional de forma separada, os demais aprovaram essa junção e citam como benefício para a arte.

Os artistas vêm vantagens, pois é ótimo que o curador selecione o seu trabalho para exposição e ainda emita crítica, que com certeza será positiva. Mais uma vez, acho que falta uma voz crítica independente, que não esteja atrelada a outros interesses. Parece-me que o curador-crítico é um tanto suspeito para falar (criticar/julgar) do artista.

Com base nas entrevistas denomino essa relação do artista com o crítico como uma “parceria comercial”. Nessa relação agem de forma que ambos obtenham sucesso em suas carreiras. Nem sempre o gosto pessoal vai prevalecer nesta

relação. Algumas vezes o interesse comercial é maior que o pessoal. Retomando a minha questão principal, que era saber por meio da visão do artista contemporâneo qual a voz da crítica de arte, posso afirmar que tudo o que estudei nesses meses me fizeram compreender que a crítica perdeu seu espaço no meio da arte, mas não significa que ela não exista. Sua voz tornou-se um sussurro, mas ainda sim possível de ser ouvido. Os artistas que entrevistei, não acreditam na crítica autoritária, que consegue impactar com seus textos nos dias atuais, e mesmo assim criam expectativas após uma exposição. De alguma forma, mesmo desabitutados a serem alvos dos críticos de arte, não negam a sua existência.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Cinara. **Crítica: entrevistas**. In: SANTOS, Franciele Filipini dos (org.). Arte contemporânea em diálogo com as mídias digitais: concepção artística/ curatorial e crítica. Santa Maria: Pallotti, 2009. P 65-97.

BARROS, Anna. **Crítica: entrevistas**. In: SANTOS, Franciele Filipini dos (org.). Arte contemporânea em diálogo com as mídias digitais: concepção artística/ curatorial e crítica. Santa Maria: Pallotti, 2009. P 65-97.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena história de arte**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 1989. 160 p.

CANTON, Katia. **Do Moderno ao Contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 56 p.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. 58 p

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. Tradutora Rejane Janowitz. São Paulo: Martins, 2005. 165 p.

CHICO Buarque, Enriquez; Bardotti. **A cidade dos Artistas**. Saltimbancos Trapalhões. 1981. Marola Edições Musicais Ltda. 1 CD Sonoro.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético**. São Paulo: Moderna, 1999. 111 p.

FERNANDES, Francisco, Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães. **Dicionário Globo Brasileiro**. 46 Ed. São Paulo: Globo, 1996.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Exposição e crítica - um enfoque em duas direções**. In: BERTOLI, Mariza; STIGGER, Verônica (Org.). **Arte, Crítica e Mundialização**. São Paulo: ABCA Imprensa Oficial do Estado, 2008. p. 45-56.

GULLAR, Ferreira. **Argumentação contra a morte da arte**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Revan. 2003. 136 p.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MEYRIC-HUGHES, Henry. **A história e a importância da Bienal como instrumento de globalização**. In: BERTOLI, Mariza; STIGGER, Verônica (Org.).

**Arte, Crítica e Mundialização.** São Paulo: ABCA Imprensa Oficial do Estado, 2008. p. 19-44.

RUBENBOIM, Ricardo. **Crítica: entrevistas.** In: SANTOS, Franciele Filipini dos (org.). Arte contemporânea em diálogo com as mídias digitais: concepção artística/ curatorial e crítica. Santa Maria: Pallotti, 2009. P 65-97.

SALLES, Cecilia Almeida. **Crítica Genética:** Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3 ed. São Paulo: EDUC, 2008. 140 p.

\_\_\_\_\_. **Gesto Inacabado:** Processo de criação artística. 4 ed. São Paulo: FAPESP Annablume, 2009. 168 p.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001. 216 p.

SARAIVA, Alberto. **Crítica: entrevistas.** In: BARBOSA, Cinara. In: SANTOS, Franciele Filipini dos (org.). Arte contemporânea em diálogo com as mídias digitais: concepção artística/ curatorial e crítica. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2009. P 65-97.

SILVA, Ursula Rosa da. **Crítica, Arte e Estética:** espaços para ressignificar. In: BERTOLI, Mariza; STIGGER, Verônica (Org.). **Arte, Crítica e Mundialização.** São Paulo: ABCA Imprensa Oficial do Estado, 2008. p. 111-124.

TRIGO, Luciano. **A grande Feira:** Uma reação ao vale tudo na arte contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 239 p.

VENTURELLI, Suzete. **Crítica: entrevistas.** In: SANTOS, Franciele Filipini dos (org.). Arte contemporânea em diálogo com as mídias digitais: concepção artística/ curatorial e crítica. Santa Maria: Pallotti, 2009. P 65-97.

WYNNE, Frank. **Eu fui Vermeer:** a lenda do falsário que enganou os nazistas. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia de Letras, 2008. 296 p

**ANEXOS**

**ANEXO A****Autorização do entrevistado para o uso das falas e imagens****AUTORIZAÇÃO**

Eu,....., inscrita no CPF sob o nº .....  
....., residente na cidade de .....  
estou de acordo a participar de uma pesquisa que busca refletir **qual a voz que a Crítica de Arte tem entre os artistas contemporâneos**, a ser realizada pela acadêmica Simone dos Santos Netto da 8ª fase do Curso de Artes Visuais – Bacharelado - da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC - no primeiro semestre de 2012, autorizando assim, o uso de minha imagem, minhas falas, e imagens de trabalhos feitos por mim.

Atenciosamente,

---

Assinatura

Data

## **ANEXO B – Entrevistas**

### **1 Entrevista do artista Alan Cichela na íntegra**

#### **Função da crítica de arte**

*Sinceramente fica difícil responder a esse seu questionamento, pois é complicado entender a crítica de arte nos dias de hoje. Por motivos simples, ou não, dependendo de como você vê.*

*Eu vejo da seguinte forma:*

*A função do crítico se tornou muito ingrata, embora fosse uma atividade com uma grande visibilidade, tornou-se uma atividade marginalizada, acima de tudo considerada como opção secundária, uma forma de atividade para pessoas frustradas, acho que tudo teve seu ápice no Modernismo, quando a arte se desvinculou da realidade e as formas de julgamento e gosto foram caindo uma por uma, deixando os então críticos mais longe de um julgamento “preciso”.*

*Sabemos hoje que o crítico deve ser isento em alguns momentos, livre do gosto pessoal e com uma visão acentuada para o futuro.*

*A crítica como foi não existe mais, sua função assim como a arte mudou.*

*Mudaram de dentro para fora e a crítica sendo detonada a cada nova renovação da arte, chegando ao ponto que poucos são os críticos que podem realmente valorizar ou depreciar um artista por si só.*

*Hoje em dia o crítico deve – e geralmente está ligado a uma instituição, ou revista, por exemplo, que leva a sua marca, o seu nome, e aí sim o crítico tem voz, apelo e possibilidade de mudar algo de maneira relevante.*

*Creio que a função da crítica, assim como a do artista cresceu, são esses valores junto do trabalho do crítico que influenciam o artista.*

#### **Relação crítico de arte e artista**

*A relação mudou muito, de mero observador o crítico passou a ser amigo do artista, como as relações de Clement Greenberg e Jackson Pollock, ou na de David Sylvester e Francis Bacon, eles não eram meros críticos, não eram aquelas pessoas*

*que se prostravam na frente de um quadro e esperavam uma sensação eles eram amigos, que faziam de seu trabalho um assunto para a relação entre eles.*

*Cada dia mais eu percebo que o crítico tem usado seu conhecimento para expandir uma linha, ou conceito que aprecia, sem depreciar os demais, valendo-se do artista como caminho.*

*Assim o crítico pode favorecer o crescimento do artista e de si.*

*O crítico não é mais aquele que apenas crítica, mas aquele que mostra porque está criticando e onde o artista deve mudar, para realmente crescer.*

### **A Crítica de arte está desaparecendo?**

*Como disse anteriormente a crítica está mudando, assim como a arte. Hoje os dois estão cada vez mais entrelaçados.*

### **Você se incomoda com a crítica?**

*Particularmente não, mas sim sempre bate aquela pontada de medo, de desespero, do trabalho ser uma merda e de alguém finalmente apontar e revelar a verdade. Mas até agora eu não tive problemas com isso, bem pelo contrário todos foram muito positivos com meu trabalho.*

### **Expectativas em relação à elaboração de alguma crítica**

*Bem, apesar de estar trabalhando a muito tempo com arte, não sou um artista lá muito conhecido, e são poucos os críticos que realmente olharam para meu trabalho, então não tenho uma expectativa ruim, tenho sim uma vontade que mais deles olhem e comentem e me mostrem mais detalhes que eu não percebo. Sim, criamos expectativas sim.*

### **A crítica de arte influencia ou já influenciou alguma vez a sua produção artística?**

*Como falei até agora só tive encontros positivos, claro que todos mostraram coisas que eu devia seguir, que eu devia fazer, mas não me senti influenciado, me senti*

*esclarecido, eu já vinha fazendo tal coisa, apenas não tinha me dado conta da relevância disso ou daquilo para meu trabalho.*

*Na verdade eles trabalharam como pessoas que me deram uma força tremenda, me mostraram que devia deixar o medo de lado e seguir adiante.*

### **Crítico de arte-curador-colecionador**

*Sim, acho que essa é a grande mudança que vinha falando, o crítico vem desempenhando um papel mesclado, que funde cada uma das pessoas acima, e eu gosto muito mais assim.*

## **2 Entrevista da artista Angélica Neumaier na integra**

### **Função da crítica de arte**

*A crítica de arte sempre tem a função de balizar e julgar a produção artística, tornando-a objeto de destaque ou de repúdio. Creio que hoje a função do curador é que se destaca como um agente conciliador de vários caminhos artísticos, ou quando coloca um tema um conceito aglutinador nas grandes bienais, os curadores tem o poder de formar a opinião do público, e estar em uma bienal é certamente o grande aval para o artista contemporâneo.*

### **Relação crítico de arte e artista**

*Atualmente a crítica de arte ainda soa como parâmetro da qualidade da produção artística, então ainda possui a responsabilidade de eleger a contemporaneidade ou não de um trabalho, mas atualmente como a arte contemporânea permite muitos caminhos essa relação é mais suave, diferentemente da crítica de Monteiro Lobato ao trabalho de Anita Malfati na época da semana da arte moderna de 1922, quando a artista ficou muito abalada com a crítica negativa em relação ao seu trabalho.*

### **A Crítica de arte está desaparecendo?**

*Pela minha experiência penso que hoje a figura do curador é que está se destacando, o curador mescla-se ao crítico de arte. No primeiro momento o curador organiza os artistas, as obras, os conceitos. Logo após vem a montagem da exposição, trabalhando com equipes interdisciplinares nas grandes exposições como as Bienais. O curador é um mediador entre o artista e seus trabalhos, ele vai dar uma nova perspectiva ao trabalho do artista a partir de sua vivência. Aqui em Criciúma podemos destacar a influência que o Sesc tem proporcionado ao cenário artístico da cidade, pois sendo uma instituição de abrangência nacional traz as curadorias para o circuito artístico de Criciúma contribuindo para a que os jovens artistas possam experimentar a participação nas exposições coletivas e formar assim um currículo respeitável.*

**Você se incomoda com a crítica?**

*Certamente, se existir uma crítica ruim ao trabalho fico incomodada, a crítica deveria ter uma função de mostrar outros caminhos, em vez de ter esta conotação da crítica em si.*

**Expectativas em relação à elaboração de alguma crítica**

*Sim com certeza, sempre existe a expectativa em relação a opinião do curador, pois esta figura torna-se o principal elemento quando da elaboração de uma proposta para uma exposição.*

**A crítica de arte influencia ou já influenciou alguma vez a sua produção artística?**

*Sim, no percurso de formação artística já sofri influências da crítica, mas com a experiência você aprende a filtrar alguns julgamentos. A crítica de arte tem esse respaldo de influenciar o trabalho do artista, mas creio que hoje a figura do curador é que se destaca, pois ele vai ser o responsável de apontar caminhos para a produção artística, e influenciar as opiniões do público principalmente nos grandes eventos artísticos como as bienais.*

**Crítico de arte-curador-colecionador**

*A mistura do crítico x curador x colecionador acontece quando unindo estas funções, o trabalho artístico pode receber uma visualidade maior, um valor maior de mercado, e o artista passa a ocupar um outro patamar, ocupando um lugar no mercado de arte, pode exercer o ofício de artista mais efetivamente.*

### **3 Entrevista do artista Breno Stern na integra**

#### **Função da crítica de arte**

*Acho que a crítica escolhe o que vai ser o termômetro em artes em uma determinada esfera cultural. Existem muitos críticos e curadores capacitados, pesquisadores de tendências artísticas mundiais, regionais e também um processo de direcionamento de alguns aspectos quanto aos temas das mostras no Brasil.*

*Têm-se valorizado mais a nossa cultura, nosso processo criativo e acho bastante importante a voz da crítica quanto a esse mercado tão rico em vertentes e tendências.*

#### **Relação crítico de arte e artista**

*Acredito que os críticos tem uma relação cordial com os artistas, pois uns não sobrevivem sem os outros, o mercado de arte vive dessa relação, mesmo quando se torna uma relação doentia. Se o crítico ataca muito um determinado artista, a mídia o incensa até o sucesso, evidenciando o valor de seu trabalho como provocador e proporcionando ao artista seus “quinze minutos de fama”. Por outro lado, quando um artista é paparicado o tempo todo pela crítica, torna-se o queridinho da mídia, e conseqüentemente da sociedade.*

#### **A Crítica de arte está desaparecendo?**

*Críticos e curadores se deparam com uma avalanche de produções artísticas, milhares de jovens deixando os cursos de graduação em artes visuais, com diversos olhares sobre a realidade, mas muitos deles, a grande maioria, enfeitiçados pelos estereótipos dominantes em nossa “indústria do entretenimento”, formando uma opinião consensual e unificada sobre tudo, excluindo toda e qualquer manifestação diferenciada. O que escolher, em um universo dominado pelo pensamento no futuro, no amanhã?*

#### **Você se incomoda com a crítica?**

*Eu não me incomodo com a crítica, pois depois de tantos anos fazendo arte, transitando em mercados de diversas cidades no Brasil e alguns países, percebo que sempre alguém gostará de meu trabalho, se identificará com ele, como muitos não gostarão dele; alguns dirão que não se faz mais arte figurativa, que não gostam das técnicas e materiais que utilizo em minhas produções, que é arte do passado ver a realidade sob esse prisma expressionista, romântico, figurativo.*

*Depois de toda a trajetória artística e mesmo de vida, tendo a arte sempre como minha companheira diária, além da literatura, da música, me considero uma pessoa muito feliz, pois o exercício cotidiano da arte, a experiência com novas técnicas o tempo todo, a pesquisa em arte e seus meios, me diz que meu trabalho já adquiriu alguma forma de maturidade, qualidade, significado e que, tranquilamente, posso me orgulhar de mostra-lo e vende-lo, sem medo ou restrições, sabendo que muitos críticos o apreciam, mesmo sem manifestar a sua opinião.*

### **Expectativas em relação à elaboração de alguma crítica**

*Acredito já ter adquirido bastante clareza sobre a minha produção em arte, não me importando com a crítica institucionalizada ou a serviço da mídia local, pois sei que o mercado de arte muda da noite para o dia, condenando e defenestrando o que ontem incensava e elevava à categoria de obra prima.*

### **A crítica de arte influência ou já influenciou alguma vez a sua produção artística?**

*Aprendi com o mestre Iberê Camargo, que o nosso estilo não deve seguir a nenhuma tendência ou modismo, não importa o que a mídia vai dizer no dia seguinte, na TV ou no jornal, o que importa é o que os espectadores dirão durante a mostra, quantos trabalho serão vendidos ou reservados, quantas encomendas surgirão a partir do evento.*

*Já tive opiniões bem favoráveis a respeito de meu trabalho artístico e não me lembro de ter sofrido críticas negativas, mas também é difícil receber convites para realizar uma exposição individual, pois o mercado não tem mostrado quase nada de arte figurativa, pelo menos feita pelos métodos e meios tradicionais; tem-se utilizado*

*bastante as novas tecnologias para fazer arte, e essa é uma das tendências estabelecidas pelo mercado de arte.*

### **Crítico de arte-curador-colecionador**

*Quanto aos três personagens, acredito que cada um tem o seu papel; o crítico está a serviço de uma mídia direcionada, para uma sociedade ávida de novidades; o curador é mais cauteloso, muito bem formado sobre o assunto, mostra mais a cara, é mais integrado com os artistas e o mercado de arte; já o colecionador, garimpa o que que tem qualidade em termos de mercado e de retorno comercial garantido. Sabe identificar tendências e possui faro e muito repertório para essa paixão chamada colecionar.*

#### **4 Entrevista da artista Helen Rampinelli na integra**

##### **Função da crítica de arte**

*As experiências vividas durante minha trajetória artística, em relação à críticas de arte, foram diversas. Nos primeiros contatos com esses críticos, tive vivências não muito positivas, ou melhor frustrantes . Mas, acho que é preciso aceitar e entender tal procedimento, afinal... no meu caso... Foi meu primeiro trabalho a ser "avaliado" e exposto. Hoje entendo que naquela época não estava bem definida a significação da obra p mim. Como coloca Argan e Fagiolo "O PRIMEIRO JUÍZO SOBRE A OBRA É IMPLICITAMENTE FORMULADO PELO PRÓPRIO ARTISTA QUE A REALIZOU, NO PRÓPRIO MOMENTO EM QUE, CONSIDERANDO-A COMPLETA , DEIXA DE TRABALHAR NELA E A ENTREGA AO MUNDO: DESDE ENTÃO PARA ELE A OBRA É OBJETO DE CRÍTICA, DE JUÍZO, DE AVALIAÇÃO HISTÓRICA . "ARGAN G.C/FAGIOLO M.,(1984).Guia de História da Arte. Lisboa , Estampa.*

##### **Relação crítico de arte e artista**

*Vejo o crítico,hoje de forma muito positiva. Acrescentando e muitas vezes sendo o profissional da mediação entre os colecionadores e admiradores. como coloca Anne Cauquelin :Ele "fabrica" a opinião e contribui para a construção de uma imagem de arte, do artista, da obra em geral. CAUQUELIN,Anne.Arte Contemporânea- Uma introdução(2005-são PAULO-MARTINS )*

##### **A Crítica de arte está desaparecendo?**

*Penso que a crítica vem se apresentando de uma outra forma hoje. Os críticos ou curadores, estão no papel mais de orientador, de conselheiro, de mediador , entre a leitura do artista com seu público.*

##### **Expectativas e influências em relação à elaboração de alguma crítica**

*Sim. penso que quando recebemos alguma crítica essa deve ser avaliada :Qual efeito esta tendo essa ação?? seja integrando o artista a um determinado grupo ou isolando-o ? Tornando-o figura singular, portanto original. Não é isso que o torna conhecido?...quando o crítico faz o artista se tornar conhecido, se faz conhecer também. (Cauquelin-2005 p.38)*

### **Crítico de arte-curador-colecionador**

*Na opinião... Hoje,são nomenclaturas diferentes para a mesma figura.*

## **5 Entrevista da artista Helene Sacco na integra**

### **Função da crítica de arte**

*Sim Simone, há sim, e continua tendo um papel importante, pois é de fundamental importância que tenhamos dentro do sistema alguém que se ocupe de perceber/pensar, diagnosticar/refletir, pesquisar/propor através de um discurso crítico as nuances, as complexidades, inovações e direções que a arte toma. O historiador normalmente possui um olhar mais voltado ao passado, o crítico também o possui, mas fica numa fronteira que através de argumento/discurso crítico consegue lançar luz sobre a atualidade e o futuro da arte. Muitas vezes é ele que impulsiona produções, motiva artistas, movimentos, articula novas relações através de texto ou uma curadoria.*

### **Relação crítico de arte e artista**

*Ela é sempre polêmica, sou artista, mas reconheço que esse é um meio um tanto insatisfeito e ainda bem que é. Temos críticos ótimos, mas poucos, muito poucos saem do seu lugar seguro vinculado às instituições culturais, para realmente se colocar em pesquisa, descobrir novas produções, conhecer artistas, criar zonas, espaços de diálogo. Normalmente trabalham com foco sob alguns artistas ou até temas de interesse e ali ficam por décadas, já é esperado que em seus ensaios os mesmo artistas apareçam como instrumento/argumento de suas ideias. Mas essa relação pouco a pouco vem melhorando, as mesmas instituições vêm criando espaços onde os críticos encontram os artistas para uma conversa e leitura de portfólio, mas são exceções.*

### **A Crítica de arte está desaparecendo?**

*Não, pelo contrário ela está se fortalecendo, talvez essa mudança venha pelo desenvolvimento do sistema das artes, a formação do artista, o acesso à crítica de arte. É preciso para entendermos qual é o papel do Crítico, separarmos essa função da função de historiador e de curador, mas elas muitas vezes se somam e o Curador na atualidade está repleto de poder, mas isso se deve a vários motivos, um deles é*

*as novas formas de acesso a patrocínio e verbas para a cultura, hoje em dia elas acontecem por meio de projetos, e normalmente recebem projetos cuja pesquisa se apresenta mais madura ou organizada, outra questão é a da espetacularização da cultura existem exemplos de críticos que roubam a cena e chama atenção mais que os próprios trabalhos, seu discurso, recorte, seleção de obras vira a própria obra. Nesses casos existe uma tendência de diminuição da figura do autor no que tange a questão do artista numa grande exposição.*

### **Você se incomoda com a crítica?**

*Uma coisa é certa, ninguém poderá falar melhor do processo de criação de um trabalho do que o próprio artista, isso é fato, mas também é só mais uma abordagem sobre uma produção, para alguns a mais importante. Um trabalho de arte é um objeto cultural que já nasce com intuito de ser público, não há como conter nenhuma espécie de comentário, julgamento ou opinião. Qual o discurso que vale mais? Eu prefiro colocar as duas com importância semelhante, pois acredito no valor de um olhar de fora. São nesses momentos que um crítico pode proporcionar não só ao artista, mas ao público em geral um enfoque diferente sobre a produção, em abordagens distintas cujos dispositivos conceituais possibilitam uma maior aproximação das questões essenciais entre o público e o trabalho.*

### **Expectativas em relação à elaboração de alguma crítica**

*Sim e não, pois não se tem uma participação da crítica de forma tão ativa e rápida assim. Não conto com a reação da crítica, mas quando ela vem e dependendo de quem vem ela tem um valor muito importante.*

### **A crítica de arte influência ou já influenciou alguma vez a sua produção artística?**

*Sim, não posso negar que mais de uma vez o retorno de uma impressão sobre uma produção ou trabalho, as relações tecidas sobre os resultados e o corpo de produção de um modo geral, já me ajudaram muito a confirmar uma questão que se apontava ou até mesmo a repensar alguma questão ou decisão tomada.*

**Crítico de arte-curador-colecionador**

*Sim, a maioria atua como crítico, curador, historiador. A questão de ser colecionador independe de ser crítico ou não, ela é uma atitude cada vez mais presente hoje em dia devido a uma compreensão bem mais alargada do que é arte contemporânea e também pelo reaquecimento do mercado de arte.*

## 6 Entrevista da artista Odete Calderan na integra

### **Função da crítica de arte**

*Então, sob o meu ponto de vista, a partir do enfraquecimento das fronteiras que separam as atividades exercidas pelos diversos agentes do campo artístico (curadores, galeristas, marchands, colecionadores, teóricos, etc.) a crítica também sofreu um esvaziamento dos moldes até então preconizados, e essa transformação colaborou para uma mudança de atitude na esfera da arte contemporânea. No entanto, quanto à percepção da função da crítica de arte, seria oportuno entender seu papel como constituinte de um contexto, para que as práticas artísticas sejam entendidas pelo público e debatidas entre e os especialistas. Para tanto, é preciso conhecer o processo poético do artista em questão, o contexto onde e quando foi realizado e o impacto provocado no circuito em que circula (projeto curatorial). Ao mesmo tempo, a crítica pode se constituir um campo de diálogo em arte, assim como o curador pode ser também, um crítico de arte. Na verdade, os dois estão fazendo um trabalho bem próximo – não é exatamente o mesmo, mas muitas vezes, o crítico de arte também faz exposições, o historiador da arte contemporânea escreve, faz curadorias, etc. Creio que, nas últimas décadas houve uma aproximação dos papéis. E na atualidade, evidencia-se nas propostas curatoriais as produções artísticas contextualizadas, conceitualizadas e problematizadas em desdobramentos junto ao público, quiçá, juntos terão condições de instituir uma crítica significativa e um espaço novo de experiência.*

### **Relação crítico de arte e artista**

*Ao tentar discutir o que seja essa relação crítico de arte e artista, logo me deparo com questões como a do artista, que já não assume apenas o papel de produtor da obra, adota inclusive múltiplas funções no fomento de atividades de arte contemporânea, como da criticidade da própria produção artística, membro de júri, curador, além de propositor. Acredito que, o campo de debate da crítica se desloca, em vez de se debruçar e se desenvolver sobre a prática dos artistas, a crítica se volta para as instituições museológicas, galerias de arte, feiras*

*nacionais/internacionais, ou mesmo, para publicações e catálogos de instituições, galerias, feiras e folders de artistas, perdendo seu foco de atuação.*

### **A Crítica de arte está desaparecendo?**

*Acredito em deslocamentos e na possibilidade de aproximação dessa crítica com produção contemporânea, a qual pode resultar em avanços significativos dos conhecimentos sobre arte e ainda, contribuir para a ampliação do que provêm do cerne da criação dos artistas, em uma extensão que pode enriquecer as relações históricas e contextuais daquilo que os artistas trazem de melhor para suas obras: intenções (veladas), dificuldades e prazeres com a criação, realizações, interação com o público.*

### **Você se incomoda com a crítica?**

*Com uma crítica reflexiva fundamentada, não ficamos. Quando acontece um diálogo, um processo de troca entre o crítico e o artista para emitir um juízo menos subjetivo sobre a singularidade da obra (muitas vezes, cabe ao crítico desdobrar seu sentido), cria-se uma cumplicidade e entendimento construtivo.*

### **Expectativas em relação à elaboração de alguma crítica**

*Algumas vezes gera-se certa expectativa, principalmente quando o resultado da criação partiu de uma longa pesquisa, experimentação, disciplina e sua construção demandaram muito, muito tempo, bem como a realização e cumprimento de procedimentos, métodos de elaboração das técnicas, tudo isso adquirido por meio da prática-reflexiva, experiências vivenciadas nesse percurso e transformadas em ações - obras.*

### **A crítica de arte influencia ou já influenciou alguma vez a sua produção artística?**

*Na verdade não. Quando se parte de um processo poético, fundamentado em questões pessoais, em vivências e nas experiências particulares, sem as quais seria*

*impossível articular as propostas artísticas, criar e fomentar diálogos se torna imperativo na medida em que o processo artístico avança. Ressalto a importância da prática-reflexiva como exercício desencadeador de ações e atos para [re]significar as práticas artísticas, elegendo também, discussões conceituais para as novas abordagens poéticas ligadas as experiências vivenciadas nesse percurso.*

### **Crítico de arte-curador-colecionador**

*É difícil ser contemporâneo de um mundo em plena transformação. Isso explica o descompasso que seguidamente sentimos diante de muitos aspectos do mundo contemporâneo – e não apenas diante da arte. Mas de alguma forma, a arte tenta tornar sensíveis certas mudanças para a vida e nossa sensibilidade coletiva. Assim, essa mistura do crítico de arte, curador e colecionador vão ao encontro do enfraquecimento das fronteiras que separam essas atividades no campo artístico. Dado a importância de grande parte da produção contemporânea não encontrada centrada no resultado formal da obra acabada, verifica-se que parte da crítica, ao abordar tais produções, tende a discorrer em torno do contexto das obras, da biografia do artista e das relações destas com determinados movimentos, não da obra em si. No entanto, em algumas propostas curatoriais verificadas, a subjetividade autoral do curador, tem sido exercida como a do artista, na esfera da visibilidade; desse modo, o formato da exposição passa a instituir-se como obra autônoma. Assim, concluo que, uma mudança de atitude por parte dos agentes artísticos (crítico, curador, colecionador, etc.) através de um debate crítico, significaria dar lugar a uma pluralidade de pontos de vista, capazes de gerar mudanças de atitude e trocas de experiências em benefício da arte contemporânea aproximando-a do grande público.*